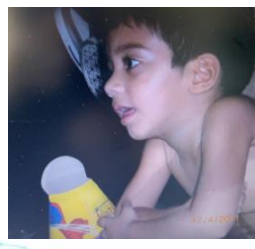




DAVI



A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

“A VEZ E A VOZ DAS CRIANÇAS NOS MOMENTOS DE ALIMENTAÇÃO NA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL”

Eliani Ragonha

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Silvana Augusto, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis".

2020

Agradecimentos

Agradeço a todos os *professores* que, em algum momento, caminharam comigo, fisicamente ou por meio de suas ideias, e aos *pesquisadores* que tiveram a nobreza de compartilhar tantos e tão importantes conhecimentos; todos foram fundamentais para ampliar meu modo de ver o mundo. Vocês foram muitos, desde a minha infância até hoje. Sou uma privilegiada!

Além deles, acredito ser importante agradecer também aos que não levam o título de “professor” e de “pesquisador”. São amigos, companheiras da pós-graduação, parceiros de outros estudos e de trabalho, psicólogos, familiares e as próprias crianças que, de uma forma ou de outra me ouviram, dialogaram comigo, me orientaram e acreditaram em mim. Minha enorme gratidão!

E a vocês, *Adriana Friedmann* e *Silvana Augusto*, professoras, pesquisadoras, amigas e incentivadoras, que cuidaram de mim ao longo desse processo de estudos e pesquisa, que me ensinaram tanto e que, de uma forma tão generosa, acolheram minhas angústias, dores - porque o conhecimento também traz consigo “sentimentos estranhos”: incertezas, dúvidas, ideias e outras inúmeras sensações - gratidão eterna! Nunca me esquecerei do que fizeram por mim. Vocês deixaram marcas profundas em meu ser. Muito obrigada!

*O seu olhar lá fora
O seu olhar no céu
O seu olhar demora
O seu olhar no meu*

*O seu olhar agora
O seu olhar nasceu
O seu olhar me olha
O seu olhar é seu*

*O seu olhar seu olhar melhora
Melhora o meu*

*O seu olhar seu olhar melhora
Melhora o meu*

*Onde a brasa mora
E devora o breu
Como a chuva molha
O que se escondeu*

O Seu Olhar, Arnaldo Antunes

<https://www.lettras.mus.br/arnaldo-antunes/91707/> - pesquisado em 26/03/2020.

*O seu olhar seu olhar melhora
Melhora o meu*

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso está centrado na pesquisa com crianças de 4 a 5 anos de idade nos momentos de refeição, em uma instituição de educação infantil do município de São José do Rio Preto, interior do estado de São Paulo. São crianças de uma turma que frequenta a escola pública municipal em período parcial. A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2019. O objetivo principal é discutir a importância desse espaço-tempo para as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças no ambiente escolar e para a garantia de seus direitos, a partir da escuta atenta e respeitosa de suas vozes. A análise do conteúdo das gravações em áudio nos horários de refeição, bem como dos desenhos das crianças sobre esse momento da rotina possibilitou, no diálogo entre inquietações pessoais, conhecimentos de pesquisadores e expressão de alguns poetas, um olhar mais aprofundado e curioso para as diversas manifestações infantis e para a garantia dos direitos de conviver, expressar e conhecer-se na escola de Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Escuta. Criança. Infância. Educação Infantil. Direitos das crianças.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA.....	2
3. REFERENCIAIS TEÓRICOS	3
3.1. A questão da convivência cotidiana	3
3.2. O tempo de conviver na escola.....	7
3.3. A observação e a escuta no cotidiano	9
3.4.A questão ética:	12
4. METODOLOGIA.....	14
5. DADOS.....	166
5.1. Contexto do entorno e comunidade (*dados do Projeto Político Pedagógico da Escola, em construção).....	166
5.2. Contexto da escola (*dados do Projeto Político Pedagógico da Escola, em construção)	17
5.3. Contexto da sala (2019)	21
5.4. Contexto da coleta de dados	22
5.5.Material coletado.....	24
5.6. Análise de conteúdo - legenda:	25
6. ANÁLISES.....	53
6.1. Algumas análise dos diálogos das crianças.....	53
6.2. Algumas análises dos desenhos das crianças.....	57
7. CONCLUSÃO E NOVAS INQUIETAÇÕES.....	67
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
Anexos	73

De jeito nenhum. As cem estão lá

A criança

é feita de cem.

A criança tem

cem linguagens

e cem mãos

cem pensamentos

cem maneiras de pensar

de brincar e de falar.

Cem e sempre cem

modos de escutar

de se maravilhar, de amar

cem alegrias

para cantar e compreender

cem mundos

para descobrir

cem mundos

para inventar

cem mundos

para sonhar.

A criança tem

cem linguagens

(mais cem, cem e cem)

mas roubam-lhe noventa e nove.

A escola e a cultura

lhe separam a cabeça do corpo.

Dizem à criança:

de pensar sem as mãos

de fazer sem a cabeça

de escutar e não falar

*de compreender sem alegria
de amar e maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.*

*Dizem à criança:
de descobrir o mundo que já existe
e de cem
roubam-lhe noventa e nove.*

*Dizem à criança:
que o jogo e o trabalho,
a realidade e a fantasia,
a ciência e a imaginação,
o céu e a terra,
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.*

*E assim dizem à criança
que as cem não existem.*

*A criança diz:
De jeito nenhum. As cem existem.*

*Loris Malaguzzi
(Traduzido por Lella Gandini)*

1. INTRODUÇÃO

A alimentação, na cultura brasileira, carrega significados que vão bem além do fator nutricional. Para cada época do ano ou ocasião especial temos um ritual que inclui comidas: a ceia de Natal, o almoço de Páscoa, os salgadinhos e bolo das festas de aniversários, o café ou chá com biscoitos ao recebermos visitas em casa. Os convites vêm marcados com frases como "vamos tomar um café!", "venha almoçar em casa", "vamos comer uma pizza nesse domingo?" E, na quarentena, crianças e adultos cozinham em casa. Nossa cultura é repleta de rituais, hábitos e práticas relacionados à alimentação e tudo isso também está presente na rotina escolar ligada às refeições, mesmo que não aconteça de forma intencionalmente planejada.

Tal como ocorre nos ambientes sociais em nossa cultura, os períodos de refeição vividos na escola também são momentos importantes da rotina. Além de serem um tempo destinado a nutrir o corpo da criança que está em pleno desenvolvimento, é também tempo de encontro, de fortalecer vínculos de afeto, formar hábitos, aprender com o outro. Assim como nas comemorações familiares e entre amigos, que acontecem "em torno da mesa", no espaço do refeitório da escola convive-se, partilham-se gostos e preferências, laços de amizade surgem e podem ser fortalecidos. Na escola onde atuo há mais de 12 anos, tais momentos provocam meu olhar de educadora e coordenadora pedagógica. Observo-os como um espaço-tempo no qual as crianças - mesmo que "comandadas" pelas professoras que estabelecem regras sobre onde sentar, quanto comer, com quem sentar, em que momento sair para alimentar-se - encontram maneiras de exercer seu direito e necessidade de, além de alimentar-se, conviver com outras crianças e adultos.

Também faz tempo que me intrigo com a dualidade entre o tempo ditado pela rotina da escola e da professora e o tempo das vivências das crianças, individualmente, de acordo com seu ritmo interno.

Durante a Pós-Graduação, na convivência com os professores e as colegas de curso, essas inquietações foram crescendo. Passei a observar ainda mais os

momentos nos quais as crianças, de alguma forma, estão livres das orientações diretas das professoras.

Surgiu, então, o interesse por desenvolver uma pesquisa com esse tema: o que acontece com as crianças nos momentos de refeições, quando estão fora de sua sala de referência, sentadas com seus parceiros de turma para se alimentarem? O que esses momentos nos revelam?

Durante a pesquisa e escrita deste meu trabalho, busco a escuta das crianças em horários da rotina, nos quais comumente elas não são ouvidas.

2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

Todos os momentos vividos na instituição são momentos educativos e constitutivos das subjetividades infantis. Porém, muitas professoras não percebem que os momentos ligados ao cuidar são importantes na rotina escolar justamente porque são promotores do desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Sem compreender isso, acabam distanciando-se das crianças, tratando os momentos de cuidado com protocolos apenas burocráticos.

Invertendo essa lógica tradicionalmente instalada nas instituições de Educação Infantil, proponho, com este trabalho, o reconhecimento do momento de se alimentar como um importante momento para as crianças, para a construção de sua identidade e para o exercício de seus direitos de desenvolvimento e de aprendizagem. Busquei escutar as vozes das crianças a fim de compreender: o que as crianças estão aprendendo nesses momentos? Do que falam? Quais seus interesses? Com que falam? Quem as escuta de verdade? Utilizei-me de observação seguida de anotações e gravações de áudios como apoio ao registro das falas das crianças.

3. REFERENCIAIS TEÓRICOS

Porque escrever

Escrevemos para desvelar o mundo real, para dar um passo no conhecimento do ser humano e, no nosso caso, das crianças.

(FRIEDMANN, Adriana)

3.1. A questão da convivência cotidiana

Desde que nasce, o bebê interage com o ambiente físico e social que o cerca. Quando o bebê ou a criança pequena ingressa na instituição de educação infantil, seu ambiente físico e social se expande consideravelmente, graças à oportunidade de interagir com crianças e adultos provenientes de outras famílias, de outros universos culturais.

Tal oportunidade de interação com a diversidade humana e cultural traz um ganho enorme para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, como explica Machado:

“sem a presença de parceiros - indivíduos que se unem em torno de objetivos comuns, dispostos a trocar algo entre si, realizando juntos e ao mesmo tempo uma atividade na qual o movimento de dar e receber é permanente entre os envolvidos - a aprendizagem não é possível, porque o conhecimento passa, necessariamente pela mediação do outro.” (MACHADO, 2004, p. 29)

A aprendizagem, que passa necessariamente pela interação com o outro, gera conhecimentos de todo tipo, inclusive de natureza relacional. Isso se constitui no conjunto das experiências infantis que, segundo BARBOSA, Maria Carmen; CRUZ, Silvia Helena; FOCHI, Paulo Sergio; OLIVEIRA, Zilma, precisam ser asseguradas nas instituições de Educação Infantil, atendendo a princípios básicos:

“As possibilidades de experiências que as crianças devem usufruir nas instituições de educação infantil, listadas no artigo 9º das DCNEI, são bastante diversas: [...] possibilidade de vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade; [...]”. (BARBOSA, Maria Carmen; CRUZ, Silvia Helena; FOCHI, Paulo Sergio; OLIVEIRA, Zilma, 2016, p. 22)

Vale ressaltar que estar ao lado de alguém não é o mesmo que interagir.

“A ação de conhecer se dá no movimento inter e intrapsicológico, no vaivém dialético entre os parceiros: na confirmação de objetivos comuns, no confronto de ideias, na busca de soluções, na competição, na cooperação” (Machado, 2004, p. 31).

Portanto, a interação para promover aprendizagem requer a interlocução com o outro, seja ele uma outra criança ou adulto.

E qual é o papel da escola de Educação Infantil nesses processos? A Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, em seu artigo 7º determina que:

“Na observância destas Diretrizes, a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica:

I - oferecendo condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais;

II - assumindo a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e o cuidado das crianças com as famílias;

III - possibilitando tanto a convivência entre crianças e entre adultos e crianças quanto a ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas;

IV - promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância;

V- construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa.” (BRASIL, 2009)

Ou seja, a escola, para cumprir o seu papel social, político e pedagógico, deve se organizar para que a convivência com a pluralidade e a individualidade de cada criança sejam da mesma maneira respeitadas e incentivadas. Tais momentos devem ser intencionalmente planejados, com o objetivo de promover a igualdade de oportunidades educacionais para todos, sem nenhuma distinção.

Também em 2009 o MEC/SEB lança o documento “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças”, escrito por Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg. Tal documento, embora

tenha em seu título o termo “creche” é uma referência para todos os profissionais que lutam para garantir os direitos das crianças de 0 a 6 anos de idade, conforme consta desde sua apresentação:

“atingir, concreta e objetivamente, um patamar mínimo de qualidade que respeite a dignidade e os direitos básicos das crianças, nas instituições onde muitas delas vivem a maior parte de sua infância, nos parece, nesse momento, o objetivo mais urgente” (BRASIL,2009, p.7).

As autoras apresentam o que é importante considerar para a garantia do direito das crianças à brincadeira, à atenção individual, a um ambiente acolhedor, seguro e estimulante, ao contato com a natureza, à higiene e à saúde, a uma alimentação sadia, a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão, ao movimento em espaços amplos, à proteção, ao afeto e à amizade, a expressar seus sentimentos, a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche, a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa. Com certeza, garantir todos esses direitos é fundamental para que a escola de educação infantil possa oferecer um atendimento que proporcione o bem estar e o desenvolvimento das crianças.

Destaco a seguir alguns critérios nos quais as autoras explicitam questões relacionadas ao direito à atenção individual, a desenvolver sua capacidade de expressão, ao afeto e à amizade, à convivência, por considerar tais pontos relevantes para esta pesquisa.

Na páginas 15, 21, 24, 25 elas descrevem pontos importantes quanto à garantia de direitos infantis:

[...]

- “A criança é ouvida.
- Nossa creche respeita as amizades infantis.
- Nossa creche valoriza a cooperação e a ajuda entre adultos e crianças.
- Ajudamos as crianças a desenvolver seu autocontrole e aprender a lidar com limites para seus impulsos e desejos.
- Explicamos às crianças os motivos para comportamentos e condutas que não são aceitos na creche.

- Nossas crianças têm direito à alegria e à felicidade.
- O bem estar físico e psicológico das crianças é um de nossos objetivos principais.”

[...]

Tenho como hipótese a ideia de que o momento das refeições pode ser um espaço privilegiado para o desenvolvimento da identidade, da autonomia, do espírito de cooperação, dos vínculos, das amizades, da expressão individual e também como um espaço e tempo que favorecem a atenção individual da professora para com as crianças. A presença de outras crianças e dos adultos, a admiração dos outros por ela, o atendimento individual nos momentos em que ela precisa são imprescindíveis no processo de construção do eu, vivido pelas crianças da faixa etária pesquisada, e os encontros em pequenos grupos, propiciados pela própria organização dos momentos de alimentação, podem favorecer essas formas de convivência.

Para Nunes (2012, p. 139), “a rotina escolar deve favorecer o conhecimento de si nas dimensões física, afetiva e cognitiva, sendo necessário que cada criança possa se perceber como personalidade diferenciada. Não basta colocar o conhecimento do Eu como conteúdo pragmático: é preciso que seja respeitada a individualidade de cada criança.”

O desenvolvimento integral da criança deve ser promovido em todos os tempos vividos por ela na escola, sejam eles momentos de cuidado, brincadeiras ou de participação em propostas estruturadas pelas professoras. E para que esse desenvolvimento aconteça, o desafio da interação com os outros é fator imprescindível.

3.2. O tempo de conviver na escola

*[...] Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo, tempo, tempo, tempo
Quando o tempo for propício
Tempo, tempo, tempo, tempo*

*De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo, tempo, tempo, tempo
E eu espalhe benefícios*

*Tempo, tempo, tempo, tempo [...]
Oração ao tempo – VELOSO, Caetano*

A organização dos tempos e rotinas em nossa vida moderna é um grande desafio. São muitas tarefas a realizar em cada dia. Os horários fixos da maioria delas parecem muitas vezes peças de um quebra-cabeça difícil de encaixar. No desafio dos adultos encontram-se as crianças. Como encaixar o tempo que as crianças demandam na rotina dos adultos?

O mesmo acontece nas escolas, os tempos individuais parecem não caber na organização dos tempos coletivos. As rotinas escolares com tempos para chegar, comer, dormir, usar o banheiro, higienizar-se, fazer atividades programadas pelas professoras, brincar nos espaços fora da sala de aula, organizar-se para ir, que são determinadas pelo funcionamento da instituição, muitas vezes condicionam crianças e adultos. Como organizar as rotinas sem deixar de atender aos interesses, necessidades e ritmos genuínos das crianças? Será que poderemos responder a pergunta anterior se observarmos atentamente as interações delas com os outros, com os materiais e o ambiente?

Barbosa (2006, p.36) nos faz pensar sobre a importância da reflexão acerca da rotina, a partir das observações dos tempos no cotidiano escolar: “explicitar a existência de uma categoria pedagógica e seu modo de operar é uma atitude importante, pois, tendo certa visibilidade, ela se torna mais consistente e passível de análise, crítica e transformação.”

Para apoiar a reflexão sobre as rotinas na educação infantil alguns pesquisadores estabelecem uma diferenciação entre a rotina planejada para trazer segurança para as crianças e outra que enrijece a organização dos tempos na escola, de forma a não atender os ritmos infantis. Em seu artigo “A rotina como âncora do cotidiano na educação infantil” (2004), Maria Alice de Rezende Proença explica que a rotina pode ser estruturante ou mecânica. Para ela, a rotina estruturante, aquela capaz de trazer segurança para a professora e para as crianças, é uma forma de organização da sequência de atividades do dia: “orienta o grupo no espaço escolar, diminuindo a ansiedade a respeito do que é imprevisível ou desconhecido e otimizando o tempo disponível do grupo.” A autora acrescenta que a rotina estruturante deve ser planejada de acordo com os tempos, as atividades, o ritmo das crianças e, em especial, a partir da concepção de criança que se defende.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como:

“sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade produzindo cultura” (BRASIL, 2009).

Para atender as DCNEI (2009), que afirmam que a criança é um sujeito de direitos, ativo, criativo, que pensa, imagina, interage, constrói sentidos a partir do que vive, as instituições de educação infantil precisam organizar sua rotina a fim de garantir tais direitos, favorecer o desenvolvimento das diversas linguagens das crianças pequenas e contribuir para a construção de sua identidade. Os tempos e espaços de convivência na escola e a escuta atenta das crianças são essenciais para esses processos.

Dessa forma, “as rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia-a-dia, tendo como objetivo a organização da cotidianidade” (Barbosa, 2006, p. 37), portanto são importantes. O que deve ser questionado é o quanto elas estão organizando o cotidiano escolar e o quanto estão impedindo que as professoras e adultos que convivem com as crianças na escola garantam os direitos à infância; o quanto são alienantes, porque impedem os sujeitos que delas participam de externalizar seus próprios ritmos, seus gestos, suas alegrias, seus modos de ser.

Somente em um processo de reflexão sobre as decisões da escola e das professoras frente a tais rotinas é que poderemos transformar hábitos indiscutíveis em momentos de promoção planejada de convivência prazerosa quando, para além dos hábitos alimentares, garante-se o direito de aprender com a diversidade humana.

3.3. A observação e a escuta no cotidiano

Venho discutindo até aqui questões que defendo serem essenciais para o planejamento dos momentos de refeição nas instituições de educação infantil, de forma a atender as necessidades e os direitos das crianças: as interações e a convivência das crianças nesses momentos, a organização dos tempos e espaços para promover tais interações.

Mas há outras discussões que também são igualmente essenciais: em que momentos do dia a dia na escola ouvimos verdadeiramente as vozes das crianças? Será que nós, adultos, acreditamos na capacidade da criança pequena

de comunicar seus gostos, preferências, sentimentos, aprendizagens, opiniões? É possível atender adequadamente as necessidades e direitos das crianças, sem escutá-las? De que escuta estamos falando?

“Escuta é presença, vínculo, conexão, respeito. Mergulho no mundo do outro: não só em sua fala, mas no olhar, no gesto, no tom, nas emoções alheias que podem nos tocar. Escutar é estar plenamente presente. Acolher o momento do outro. Adentrar a paisagem do outro, conhecer e reconhecer o outro em sua singularidade, em seu momento e em seu tempo. Escutar é doar-se, entregar-se ao outro”,
FRIEDMANN (2020, p.131).

As crianças comunicam-se de muitas formas: olhares, gestos, expressões, desenhos, falas, choros, silêncios. Escutar uma criança é estar atento e sensível a todas as suas formas de comunicação e acreditar que a criança é capaz de nos dizer o que pensa, o que sente.

Em um dos trechos do artigo “Educação Infantil e arte: sentidos e práticas possíveis”, a professora Luciana Esmeralda Ostetto, da Universidade Federal de Santa Catarina, aborda uma questão muito relevante para pensarmos o papel da professora na escola de educação infantil. A necessidade de ordenar, enquadrar as crianças em um certo padrão de comportamento e atividade, acaba por silenciar suas vozes, suas formas genuínas de expressão. Mas por que a professora age assim? Para Ostetto:

“No meio de toda essa história, estamos nós, adultos-professores, que também fomos interditados na nossa ação de sonhar, de jogar e inventar mundos. Também fomos reprimidos em nossas linguagens e possibilidades expressivas. E então, o que acontece? Não raro, temos dificuldade em respeitar e valorizar o jogo das crianças, seus modos de criar e inventar modas, seus jeitos de dizer e representar o real.”OSTETTO (p. 12)

Segundo Ostetto, faz-se urgente o investimento na formação do professor. Uma formação sensível, que possa alimentar e abrir seus próprios caminhos de expressão e, dessa forma, conseguir conectar-se com as expressões das crianças.

Acrescento aqui a importância dessa reflexão com toda a equipe escolar, pois a qualidade do atendimento da instituição de educação infantil depende do trabalho coletivo que ali se realiza. A busca pelo atendimento das necessidades das crianças e a garantia de seus direitos deve ser um compromisso de todos.

FRIEDMANN (2013) nos aponta caminhos para essa formação da equipe escolar:

“Quando defendo um lugar para a voz das crianças e outro para a compreensão dessas mensagens por parte dos adultos, quero enfatizar a urgência de determos, por alguns momentos, a tempestade, o trovão que o mundo externo massificado vem troando para paralisar a essência profunda de cada um de nós; a urgência de retomar contato com nosso ser mais profundo, com nossas imagens interiores, ao nos vincularmos às imagens expressivas das crianças à nossa frente; a urgência de ouvi-las e ouvirmo-nos para ressignificar, recriar, transformar os nossos cotidianos de forma mais significativa e digna”. FRIEDMANN, Adriana. *Linguagens e Culturas Infantis*. São Paulo: Cortez, 2013. pp. 31 e 32.

A questão das hierarquias estabelecidas entre adultos e crianças também é algo muito importante a ser considerado. E isso está relacionado com a visão de criança que permeia as ações das escolas. Os documentos mais recentes, escritos para nortear as propostas pedagógicas das instituições de educação infantil, ressaltam uma concepção de criança “como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social [...]” (Base Nacional Comum Curricular, MEC/SEB/CNE, 2017, p. 36). Ou seja, a criança é um sujeito potente, ativo, criativo, que aprende nas interações, faz escolhas e expressa-se de uma maneira muito própria. A escola deve ser o espaço do protagonismo da criança, com a mediação de um professor que está aberto às suas manifestações, expressões e escolhas. Para abrir-se às vozes infantis e compreendê-las faz-se necessário estar presente e atento.

E como nos questiona Friedmann

“Para que escutar? [...] “Escutar para conhecer o outro, para reconhecer sua singularidade, sua potência, seus interesses, necessidades e emoções. E poder, assim, repensar nossas atitudes e propostas com relação aos outros. Aquele que escuta, silencia, observa, coloca-se a serviço do outro, respeita, acolhe. Abre-se para aprender, para o desconhecido, para o inesperado. Está presente. Se escutarmos antes de educar, poderemos então ir além da simples transmissão de conhecimento e potencializar o que há de mais essencial e único no outro, caminhando para uma relação mais equilibrada.” FRIEDMANN (2020, P. 134)

3.4. A questão ética:

Acredito ser importante acrescentar neste trabalho reflexões sobre a *ética*. Em meus 27 anos de educadora - como professora, coordenadora pedagógica e formadora - nunca participei de nenhuma discussão sobre esse assunto. Somente a partir dos meus estudos com a Professora Doutora Adriana Friedmann, inicialmente em um curso livre e agora na pós-graduação, é que pude ler e refletir sobre tal tema, que considero de suma importância para os processos de escuta das crianças.

Todos os indivíduos, sejam eles crianças, adolescentes ou adultos, têm o direito a serem respeitados. Vivemos hoje em nossa cultura um profundo desrespeito às diversas formas de vida existentes nesse planeta, o que inclui o desrespeito ao ser humano. Em especial, quanto aos seres humanos, podemos ver a enorme exposição de imagens pelas mídias, mensagens espalhadas sem consentimento de seus autores, “fake news” disseminadas por milhões de pessoas. E quando se trata de crianças, ainda consideradas por muitos indivíduos sem direitos, sem voz, esse desrespeito é ainda maior.

Quanto às escolas, já presenciei pesquisas de universidades que foram consentidas, realizadas e cujos resultados, incluindo a coleta de dados com as crianças, nunca foram compartilhados, mesmo quando havia a promessa de que seriam.

Tais motivos me levam a afirmar que o debate sobre a ética na sociedade em geral, e na escola em particular - no caso desta pesquisa- faz-se algo urgente.

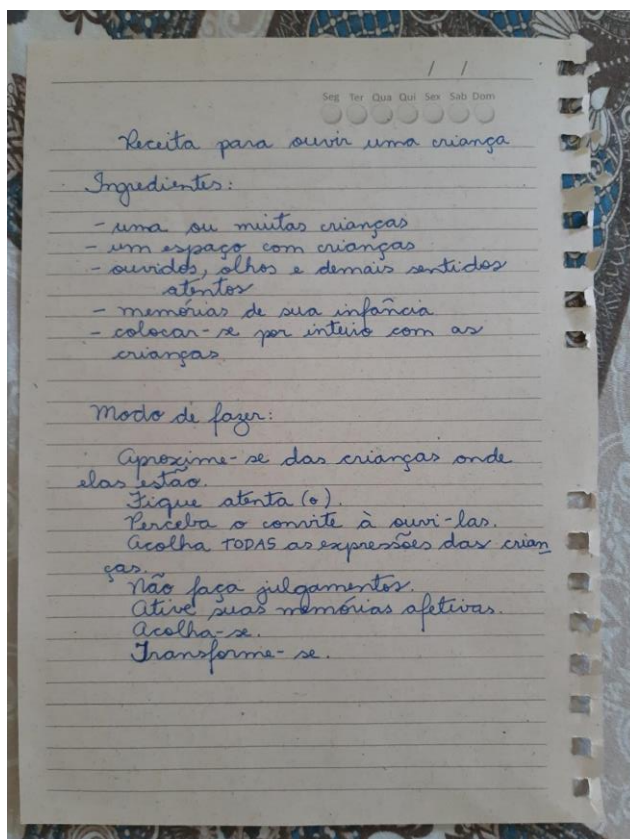
Vale ressaltar que “escutar com ética” vai além de preocupar-se com autorizações. Estas são, sim, importantes. Mas, para além delas, faz-se necessário, nas palavras de Friedmann (2020, p. 142) um “pedido de licença”, uma demonstração de profundo respeito pelas crianças. A autora (2020, p. 141, 142) explicita:

“O cuidado ético que devemos assumir nesses processos de dar voz e escutar crianças tem a ver com respeitar seus tempos, seus espaços, sua intimidade, suas emoções, suas escolhas; estarmos abertos para acolher suas essências, seus potenciais, aceitar suas limitações e preferências. Todas essas atitudes são fundamentais para não violentar seus mundos. É desafiador aprender a lidar com o equilíbrio entre tempos de falar, ensinar, propor, intervir e tempos de escutar, aprender, estar junto, tomar distância e observar. Negociar com elas combinados e regras. Saber colocar limites, sim.” FRIEDMANN (2020, p. 141, 142)

Encontrar esse equilíbrio em nossas atitudes frente à escuta, a observação e o trabalho com as crianças é, com certeza, um grande, delicado e importante desafio. Nossa responsabilidade é enorme.

Frente a tal responsabilidade, reconheço meu compromisso com todos os envolvidos no processo desta pesquisa. Como explicado na coleta de dados, estava programada a devolutiva para a escola, professora e, principalmente para as crianças, no formato de um livro. Em meio a suspensão das aulas devido à pandemia, tal programação será agendada com a escola para o momento oportuno.

4. METODOLOGIA



Receita para ouvir uma criança

Ingredientes:

- uma ou muitas crianças
- um espaço com crianças
- ouvidos, olhos e demais sentidos atentos
- memórias de sua infância
- colocar-se por inteiro com as crianças.

Modo de Fazer:

Aproxime-se das crianças onde elas estão.

Fique atenta (o).

Perceba o convite à ouvi-las.

Acolha TODAS as expressões das crianças.

Não faça julgamentos.

Ative suas memórias afetivas.

Acolha-se.

Transforme-se.

Eliani Ragonha – maio/2020

A metodologia utilizada para esse trabalho foi a de **análise de conteúdo**, que aconteceu a partir das transcrições dos áudios coletados nos cinco dias de gravação, e dos desenhos realizados pela mesma turma de crianças.

Após a transcrição dos áudios, uma tabela foi organizada, para dar visibilidade aos tópicos dos assuntos que surgiam ao longo da gravação e às respostas dadas pelo adulto que estava presente. Os desenhos foram escaneados e compõem a segunda parte do conjunto dos dados da pesquisa.

Tal metodologia foi escolhida pelo meu interesse nos assuntos que as crianças conversam nos momentos em que a professora não está atenta à elas, mas sim à alimentação e às regras estabelecidas por ela, ou pela escola, que devem ser cumpridas nesse horário. Também por acreditar que todos os momentos vividos na instituição são momentos de cuidado e educação – dois princípios importantes para o trabalho com as crianças pequenas.

Será que elas conversam sobre o que vivem na escola? Conversam sobre a alimentação, já que estão juntas para alimentar-se? Quem são? Conseguem se expressar de alguma maneira? O que elas têm a nos dizer? É o que venho explorar ao longo dessas escritas.

5. DADOS

5.1. Contexto do entorno e comunidade (*dados do Projeto Político Pedagógico da Escola, em construção)

A *Escola Municipal Professora Anna Mantovani de Andrade* situa-se à Rua José Dias Arroyo, nº 205, no bairro Residencial Cidade Jardim, município de São José do Rio Preto, interior do estado de São Paulo. O bairro é residencial, embora os pontos comerciais tenham aumentado com o tempo. As ruas são asfaltadas, existe saneamento básico adequado e energia elétrica. As casas são de alvenaria. É atendido por transporte público, uma Unidade Básica de Saúde da Família, Grupo de Escoteiros, Associação Amigos dos Mananciais, Centro de Zoonoses e praça esportiva (e outras praças menores, estas pouco frequentadas). É tranquilo, afastado do centro comercial da cidade e bem próximo a uma das principais rodovias que atravessa o município, a BR 153.

Não há atendimento para crianças de 0 a 2 anos no entorno, portanto crianças dessa faixa etária são atendidas na vizinhança. Além desta, o bairro possui uma escola municipal que atende crianças do 1º ao 5º ano (escola recém municipalizada) e uma escola estadual que atende crianças do 6º ano ao ensino médio.

A maioria das famílias atendidas pela escola é de classe média e média-baixa, com renda entre 1 e 6 salários mínimos e escolaridade até nível médio. Uma pequena parcela das famílias tem possibilidades de viagens, de frequentar clubes ou outros entretenimentos. As crianças que estudam nesta escola são provenientes dos bairros: Cidade Jardim, Jardim São Marco, Jardim São Francisco, Set Sul e Vila Azul (chácaras e sítios), sendo na maioria dos casos casas próprias. Mais da metade das crianças vem para a escola a pé com seus familiares, por morarem próximas.

Os pais ou responsáveis têm profissões variadas, tais como: microempresários, motoristas, metalúrgicos, caminhoneiros, costureiras, vendedores, pedreiros, soldadores, eletricitas, atendentes, ourives, artesãos, professoras, etc., e mais da metade dos alunos ficam com as avós no período

inverso ao das aulas, quando os pais trabalham, pois a mãe e/ou avós não trabalham fora da residência.

A leitura que a equipe escola faz da comunidade é de receptividade, abertura ao diálogo, credibilidade no trabalho da escola. Acompanham de perto o trabalho desenvolvido e são bastante exigentes. Na maioria, as famílias mostram-se bastante interessadas em compreender a proposta pedagógica da escola, atentos à segurança e também observadores em relação às ações de cuidado que a escola desempenha, como, por exemplo, com a alimentação.

Em geral os familiares participam de reuniões de pais e mestres, apresentações de músicas, danças, dramatizações, poemas e das produções das crianças, reuniões de APM e Conselho de Escola (esses coletivos são compostos por pais representantes dos outros pais). O processo de construção do Projeto Político Pedagógico da escola, que se iniciou em 2019, tem sido um bom caminho para o estreitamento das relações com as famílias.

Quanto ao lazer e acesso cultural as famílias informaram, por meio de entrevista realizada pela escola em 2019, que os lugares mais frequentados são as praças, o shopping e o cinema. Algumas crianças relatam que visitam parentes, vão à igreja, chácaras ou viajam.

A maioria das crianças tem acesso aos brinquedos tecnológicos. Brincam com frequência com tablets, celulares e videogames e também assistem a programas infantis na televisão, filmes e séries e a programações no youtube. São em geral filhas únicas ou têm somente um irmão (segundo dados de 2019, cerca de 80%).

5.2. Contexto da escola (*dados do Projeto Político Pedagógico da Escola, em construção)

A escola atende em média 170 crianças. Em 2019 atendia crianças de 3 a 5 anos de idade (Maternal II, 1ª Etapa e 2ª Etapa) divididas em 7 turmas de período parcial e 2 turmas de período integral. Em 2020 passou a atender crianças de 2 a 5 anos (Maternal I, Maternal II, 1ª Etapa e 2ª Etapa), divididas em 9 turmas de

período parcial e 1 turma de período integral. Possui 6 salas de aula (espaço físico), sendo que uma delas funciona no mesmo espaço da biblioteca.

Quanto aos horários das aulas, o período da manhã acontece das 7 às 12 horas, o período da tarde das 12 horas e 30 minutos às 17 horas e 30 minutos e o período integral das 7 horas às 17 horas.

O espaço da escola conta com uma grande área verde, com muitas árvores (algumas frutíferas) e alguns brinquedos para playground, além de uma casinha de madeira e outra maior, de alvenaria, para ampliar as possibilidades de brincadeiras das crianças. Elas gostam e brincam muito nesse espaço, o que atrai também a atenção de seus familiares e da comunidade do entorno da escola.

Os familiares em geral elogiam bastante o trabalho realizado pela escola e o espaço físico (incluindo a limpeza e organização deste). Muitas crianças são filhas ou netas de antigos alunos. A demanda de alunos advindos de pequenas escolas particulares também tem aumentado.

Quanto ao local de refeição das crianças, o mobiliário constitui-se de mesas e bancos compridos, em um pátio coberto, como podemos ver nas fotos abaixo.



Fotografia 1. Refeitório da escola.



Fotografia 2. Crianças servindo-se no refeitório da escola (não são crianças da turma pesquisada).



Fotografia 3. Crianças da turma pesquisada jantando, em um dos dias da coleta de dados - as crianças que não quiseram comer ou que já haviam terminado a refeição estavam esperando os colegas terminarem, nos bancos ao lado da mesa de refeição.



Fotografia 4. Crianças da turma pesquisada jantando (idem fotografia 3).



Fotografia 5. Crianças da turma pesquisada jantando (idem fotografias 3 e 4).

Os horários de refeição das turmas do período da tarde:

TURMA	LANCHE	JANTAR
Maternal II - C (3 anos)	13h às 13h15	15h20 às 15h40
1ª Etapa – C (4 anos)	13h às 13h15	15h40 às 16h
2ª Etapa – C (5 anos)	13h15 às 13h30	15h20 às 15h40
1ª Etapa – D (4 anos)	13h15 às 13h30	15h40 às 16h
1ª Etapa – A (4 anos)	13h40 às 13h55	16h às 16h20
2ª Etapa – A (5 anos)	13h40 às 13h55	16h às 16h20

Podemos verificar pelas fotografias e horários da tabela, que as crianças são incentivadas a servirem-se com autonomia e que saem com sua turma e mais outra turma para fazer sua refeição.

Os adultos nesse momento, professores e funcionários, ficam no refeitório acompanhando as ações das crianças. As merendeiras fazem a reposição dos alimentos quando necessário. O cardápio é organizado por nutricionistas da prefeitura municipal e enviado às escolas para o preparo das merendeiras. Em geral, para a idade das crianças dessa escola, no lanche há leite com achocolatado e bolachas e no jantar arroz, feijão, uma carne, dois tipos de legumes e uma fruta.

5.3. Contexto da sala (2019)

A 1ª Etapa C - turma da “Pipoca Doce”, assim nomeada por votação entre as crianças, é uma turma de 19 crianças nascidas entre abril de 2014 e março de 2015. São 9 meninas e 10 meninos. Um dos meninos tem diagnóstico de autismo. A turma conta com uma estagiária para atender a criança autista. Eles frequentam a escola em período parcial, das 12h30 às 17h30. Sua professora chama-se Cleumara Portes Rodrigues, tem atualmente 39 anos, é professora há 12 anos, sendo cinco deles na escola onde a pesquisa foi realizada. Também atuou por 200 dias como diretora substituta dessa mesma unidade, em 2018.

5.4. Contexto da coleta de dados

Foi difícil definir a turma onde seria realizada a pesquisa. Como sou gestora da equipe escolar, preocupei-me com isso, pois sabia que haveria repercussões diversas no grupo e em relação à professora selecionada.

A turma escolhida, por fim, foi a da Professora Cleumara - 1ª Etapa C (crianças de 4 anos). Essa professora havia sido minha parceira na gestão da escola, o que possibilitava um laço forte de confiança e a certeza de que a finalidade da pesquisa seria a produção de conhecimentos na área e não uma possível fiscalização. Além disso, essa era uma turma de crianças que iria, ao menos em grande parte, continuar a estudar em nossa escola no ano de 2020, na turma de cinco anos (última etapa da Educação Infantil), o que possibilitava a ampliação do tempo para a finalização da pesquisa.

Conversei com a professora, que aceitou o convite, demonstrando tranquilidade com a parceria. Em seguida marcamos um dia para conversarmos com as crianças sobre as minhas investigações, as gravações e o interesse deles em participar desse processo.

No decorrer desse percurso, em agosto de 2019, fui convidada a retornar à equipe de formadores do meu município (eu já havia me afastado da escola de 2009 a 2016 para integrar a equipe de gerência e de formação da educação infantil municipal), o que me trouxe certa preocupação com as possibilidades de datas e horários para realizar as gravações.

No dia 17 de setembro de 2019 fui até a escola e, sentados no chão “em roda”, conversamos, eu e as crianças a respeito da pesquisa. Elas estavam curiosas com minha presença e queriam saber porque não estavam mais me vendo pela escola. Minha relação com as crianças sempre foi muito respeitosa, de curiosidade pelo que elas faziam, de diálogo, de carinho e de proximidade física, quando era possível dentro da minha rotina na escola e isso fortalece nossos vínculos, o que eu sempre acreditei ser importante. Enfim, nesse dia conversamos bastante e contei como seria o processo de pesquisa, que gravaria suas conversas durante alguns dias, em alguns períodos de refeição na escola. Pedi autorização para realizar tais gravações e elas prontamente concordaram.

Queriam continuar conversando comigo, demonstrando aprovação quanto à minha presença no grupo, de uma forma geral. Combinei que logo voltaria para realizar as gravações.

Consegui voltar à escola no dia 20 de setembro de 2019 para a primeira gravação. Eu já havia combinado que seria uma gravação de áudio. Preferi assim por saber o quanto as crianças ficam interessadas pelas próprias imagens em gravações de vídeo, o que poderia dificultar a pesquisa. Imaginei que a gravação em áudio facilitaria ouvir as vozes das crianças, pensando em ouvir as conversas delas sem tantas interferências externas e sem me preocupar com imagens de pessoas ou cenas que não seriam autorizadas para uso. Pedi para a professora Cleumara avisá-las que eu iria. Cheguei e já estavam me esperando, ansiosas. Queriam falar, alguns já “puxaram conversa” querendo atenção. Houve disputa sobre quem ficaria perto de mim na roda de conversa, na fila em direção ao refeitório e também ao sentar na mesa para a refeição. Realizei pessoalmente mais duas gravações com eles, nos dias 22 e 24 de outubro de 2019.

Posteriormente conversei com a professora Cleumara sobre o quanto percebi que elas ficavam curiosas e ansiosas com minha presença e que também percebi que buscavam minha atenção, querendo conversar comigo. Fiquei um tanto quanto preocupada, pois gostaria de ouvir o conteúdo de suas conversas infantis, fruto da interação entre elas. Combinei com a professora, então, que ela deixaria seu celular gravando os áudios nas próximas vezes, sem a presença direta de um adulto nesses momentos. Assim fizemos e outras cinco gravações de áudio foram realizadas: três no dia 30 de outubro de 2019 e duas no dia 01 de novembro de 2019.

No dia 19 de novembro passei na escola para deixar as autorizações de uso das gravações para a professora Cleumara assinar e pedir para as crianças e seus familiares assinarem também. Não conversei com as crianças nesse dia para não atrapalhar as atividades, que já estavam em andamento.

Voltei à escola no dia 04 de dezembro para explicar às crianças que eu estava ouvindo as gravações e que iria estudar as conversas. Levei o livro “Deixa eu falar”, uma publicação que foi escrita a partir de uma pesquisa realizada com crianças de 3 a 6 anos de idade, pela Rede Nacional Primeira Infância, e mostrei

para elas. Expliquei que gostaria que fizessem desenhos sobre elas, crianças, nos horários de refeições da escola, pois eu tinha a intenção de utilizar tais desenhos e as conversas que estavam nas gravações para montar um livro. Tal livro seria entregue a elas, à professora e à escola, uma cópia para cada. Ficaram interessadas no desenho e falavam de várias ideias. Alguns disseram que desenhariam outras coisas: animais, a família, etc.. Reforcei meu pedido, para que não se esquecessem de fazer o desenho delas nos momentos de refeição na escola. Elas desenharam nesse dia. Eu já havia combinado anteriormente com a professora, explicando que eu gostaria de completar a pesquisa com os desenhos das crianças e minha intenção em fazer o livro.

No dia 18 de dezembro fui à escola pegar as autorizações e os desenhos das crianças. A professora esquecera de pedir para os familiares assinarem as autorizações, então combinamos que no início do ano letivo de 2020 ela colheria as assinaturas daqueles que continuariam na escola, o que infelizmente não aconteceu. Tal fato, somado à pandemia do Covid-19, desorganizou o planejamento da finalização da escrita deste trabalho - planejei manter as conversas com as crianças durante todo o processo e a ciência de seus familiares, o que para mim era um sinal de respeito com todos: crianças, familiares, professora, escola - precisei borrar os rostos nas fotos e tirar os nomes das crianças.

5.5. Material coletado

Você vai encher os vazios com suas peraltagens

E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos

(BARROS, Manoel de , 1999, p. 31).

O conjunto do material de áudio resulta em 1 hora, 39 minutos e 48 segundos de gravação e 41 laudas de transcrição. A transcrição na íntegra

apresenta-se no anexo. Além dos áudios, coletei desenhos das crianças, que serão objeto de análise mais abaixo.

A primeira análise consistiu em trazer do conjunto das transcrições os tópicos mais recorrentes, a partir de uma síntese do que foi transcrito, indicando os tópicos dos assuntos que surgiram nos diálogos das crianças e a resposta dos adultos, conforme mostra a tabela a seguir.

5.6. Análise de conteúdo - legenda:

Uma primeira escuta das crianças permitiu abstrair alguns tópicos recorrentes que, para facilitar a leitura, já os relacionamos, conforme enumerados a seguir.

- 1. Interesse pela novidade da gravação.**
- 2. Vínculo com o adulto.**
- 3. Alimentação.**
- 4. Sentimentos, gostos, preferências.**
- 5. Cotidiano familiar.**
- 6. Cotidiano escolar.**
- 7. Machucados, doenças e afins.**
- 8. Amizades e conflitos entre as crianças.**
- 9. Imaginários.**
- 10. Pesquisas e curiosidades.**
- 11. Regras.**

Turma: 1ª Etapa C – “Turma da Pipoca Doce” – tarde – Professora Cleumara – 2019

Data		Duração
20/09/2019 – 15:48 (início da gravação)		19 minutos e 28 segundos
Crianças	Tópicos de conversa	Intervenção do adulto
12 crianças presentes	“Tá bom!” (1)	“Esse é um... Agora vamos ligar o outro. Esse aqui também já está ligado. Hoje nós não podemos mexer nele, porque da outra vez ficou ruim porque ficou mexendo, tá bom?”
	“Tia?” “Eu te amo.” (2)	“Oi, amor.” “ Ah, lindeza. Eu também te amo. Adoro as crianças.”
	“De quem é?” (3)	“De quem será esse prato?”
	“To nervoso hoje.” (4)	“Tá nervoso? O que aconteceu?”
	“Hoje eu acordei e nem deu ‘pra mim’ tomar café. Acordei atrasada.” (5)	



<p>“Tá gravando?” (1)</p>	<p>“Tá gravando. Tá vendo que o número vai mudando?”</p>
<p>“Ô tia, ele também faz arte, viu? Ele faz arte e eu não faço.” (6)</p>	<p>“Ele faz arte? Menino faz arte? Todos os meninos será que fazem arte?”</p>
<p>“Tia, ele fica respondendo para a tia, sabia?” (6)</p>	<p>“É? Mas então ele tem que aprender a não responder.”</p>
<p>“Os meninos já tá com cárie.” (7)</p>	<p>“Cuidado que assim vai machucar. Corta com o dente. Tira fora, senão vai sair sangue.”</p>
<p>“Ahm.” (7)</p>	<p>“O dentista deu injeção na bunda?”</p>
<p>“Eu tomei vacina.” (7)</p>	
<p>“Sabe por que machucou aqui?” (7)</p>	<p>“Ralou, né?”</p>
<p>“Tia, o que é isso?” (1)</p>	<p>“É bateria.”</p>



	“Enzo, Enzo?” (8)	“O que você quer falar com o Enzo?”
	“Você sabia que o Brian [não compreendido]” (8)	“Quem é o Brian?”
	“Eu vou falar oi para o Enzo e vou colocar mais comida.” (8)	”Isso.”
	“Não. Não tem arroz branco.” (3)	“Você não vai comer hoje?”
	“A gente tá forte.” (4)	“Tô vendo.”
	“A câmera tem visor também?” (1)	“É porque a tia só está gravando a voz.”
	“Tia, põe a mão aqui.” (2)	“Eu não, vocês vão me amassar.”
	“Tia, olha eu.” (2)	“Vai. Olha a montanha de mãos. Uma montanha.”
	“Titia.” (2) “O meu [não compreendido] estava sangrando. Aí depois eu cortei lá em casa e sangrou mais ainda. Aí, eu tinha que ir no	“Oi meu amor. O que aconteceu?”



	médico para examinar e tinha uma casquinha lá dentro do sangue.” (7)	“E ele tirou?”
	“Oh tia, põe aqui a mão.” (2)	“Peraí, ele quer falar do saci pererê.”
	“O saci foi lá pro céu.” (9)	“Foi no céu?”
	“Doeu muito. Tinha outra casquinha cheia de sangue. O médico tirou hoje.” (7)	“Essa parte também?”
	“Põe a mão aqui.” (2)	“Se não acha ninguém, leva o prato lá. Alguém leva, fazendo o favor? Obrigada viu?”
	“É a Vitória.” (3)	“A Vitória vai deixa arrumadinho. Assim não fica bagunçado. Olha a mesa como ficou?”
	“Já gravou?” (1)	“Tá gravando.”
	“Não, é água de tubarão.” (9)	“O que aconteceu? Meleca de cocô?”



		“Ali, ó, hoje tem fruta.”
	“Oh, tia, eu não fiz os cílios.” (7)	“Bonito.”
	“Eu não queria tia.” (3)	“Não quer, amor?”
	“Eu quero catar uma sementinha.” (10)	“Não pode ficar colocando a mão e tirando, senão estraga a melancia. Alguém mais quer melancia?”
	“Uma vez eu peguei a semente do João Pedro e ele chorou, porque ele ia plantar. E eu plantei já. Nem lembro mais onde que foi.” (10) e (4)	“Será que não nasceu?”
	“Oh tia, essa semente aqui não cresce, né?” (10)	“Não.”
	“Oh tia, se a gente comer essas, engolir ela assim, e depois a gente vai beber e vai crescer na nossa cabeça.” (9)	“Cresce na cabeça? Jura? Será?”
	“Quando eu era pequeno, eu fazia muita arte. Aí, eu fui no banheiro sozinho e fiz xixi sozinho.” (7)	“Quando eu era pequena, eu achava que ia crescer um pé na minha barriga.”



	“Ele usa penico (risada).” (6)	“Todo mundo usa penico para aprender a fazer xixi e cocô.”
	“Tia, cuida da minha semente, porque os outros também querem e eles pegam.” (2)	“Cuido. Você vai lavar a mão?”
	“Tia, tem aranha?” (2) e (10)	“Aqui é um matinho, só que ele está seco, entendeu?”
		“Esse é dela, depois você vê com ela se ela te dá. Mas tem mais, olha. Os meninos estão juntando?”
	“Eu vou plantar na casa da minha vó.” (10)	“Ah, você vai levar para a casa da vó?”
	“Minha vó vem me buscar.” (5)	“A vovó que te busca hoje?”
	“Não, é meu.” (6)	“Alguém perdeu?”
	“Sofia, me dá uma semente?” (8)	
	“Não.” (8)	
	“Tia, eu só tenho três.” (2)	“Tem pedaço que tem mais, tem pedaço que tem menos.”



	“Tia, olha só.” (2)	“Tem um nenê aí?”
	“Tá gravando?” (1)	
	“Tia, eu tava plantando um pé de feijão.” (10)	“Pé de feijão? Ué, mas não é melancia? A semente de melancia nasce feijão?”
	“Tia, tem mais semente para mim? Me ajuda a pegar, tia?” (2)	“Tem que pegar no garfo, per aí.”
	“Tia, não quero essa.” (2)	“Não? É a mesma coisa. A única diferença é que ela tem melancia. Tira a melancia dela.”
	“Tia, olha!” (2)	“Um nenezão?”
		“Já vou parar.”

Turma: 1ª Etapa C – “Turma da Pipoca Doce” – tarde – Professora Cleumara – 2019		
Data 22/10/2019 - 13:38 (início da gravação)		Duração 13 minutos e 11 segundos
Crianças	Tópicos de conversa	Intervenção do adulto



17 crianças presentes	"Tia, isso é muito bom. Põe o gravador e você gravar a gente". (1)	"Então, tô gravando".
	"Eu fico conversando da minha cachorra na hora do lanche." (5) e (9)	"Da sua cachorra? Como ela chama?"
	"Tia, minha mãe plantou uma semente e depois ela resolveu ir no hospital, porque ela tinha engolido a semente." (5) e (9)	"Ela teve que ir para o hospital porque ela engoliu a semente? E era semente de quê?"
	"Eu estava no médico, porque eu quebrei o braço e depois tive que ficar dormindo lá. Depois eu tive que tomar remédio." (7) e (5)	"Mas você ficou no hospital? Você quebrou o braço?"
	"Ô tia, sabe o que meu pai fez? Eu orei para Deus para ele comprar uma cachorra." (5) (4) e (9)	"Você orou para Deus para ele comprar uma cachorra?"
	"Tia? Aí [não compreendido], aí eu chamei 'papai'. Aí minha mãe estava junto com meu pai no médico." (5) e (7)	"E a mamãe foi lá te socorrer?"
		"E esse pão aí, já comeu? Não quer mais? Põe no lixo, então."
	"Ô, tia, já gravou?" (1)	"Tá gravando."



<p>“Ô, tia, sabe o que minha cachorra fez?” (5)</p>	<p>“O que sua cachorra fez?”</p>
<p>“Tá gravando esse celular aí?” (1)</p>	<p>“Tá gravando. Não está vendo que a bolinha está piscando?”</p>
<p>“Minha cachorra chama Fênix.” (5)</p>	<p>“Você sabia que fênix é o nome de uma ave?”</p>
<p>“A minha cachorrinha foi enterrar o osso, quando ela [não compreendido], não tem osso.” (5) e (9)</p>	<p>“Ela enterrou o osso ou ela engoliu?”</p>
<p>“Ô tia, eu tenho um cachorro que chama Leão. Ele é menino.” (5) e (9)</p>	<p>“Aí você engana os outros. Você fala assim: “eu tenho um leão na minha casa!” E as pessoas acham que é um leão de verdade e é um cachorro.”</p>
<p>“Tia, sabe o que a Fênix fez? Ela estava mordendo o filhotinho dela.” (5)</p>	<p>“Ela teve um filhote?”</p>
<p>“Preto.” (7)</p>	<p>“Que cor é o olho dele?”</p>
<p>“Tia, minha mãe vai me dar um chiclete de tatuagem.” (5)</p>	<p>“Chiclete de tatuagem? Você vai ganhar um chiclete de tatuagem? Como põe a tatuagem? Põe onde?”</p>



	(Criança faz um uivo) (9)	"Você é um lobisomem?"
	"Tia, minha mãe tem um colar desse." (5) e (2)	
	"E ela falou para mim que quando eu crescer, ela vai passar chapinha no meu cacho. Vai ficar tudo liso." (5) e (4)	"Mas é tão lindo seu cacho!"

Turma: 1ª Etapa C – “Turma da Pipoca Doce” – tarde – Professora Cleumara – 2019		
Data 24/10/2019 – 13:35 (início da gravação)		Duração 12 minutos e 24 segundos
Crianças	Tópicos de conversa	Intervenção do adulto
17 crianças presentes	"Meus três gatos morreram." (5) e (9)	"Pode contar. O que você quer me contar hoje?"
	"Tia, eu tenho uma piscina." (5)	"Você tem uma piscina?"
	"Ô tia, eu aprendi a nadar. Com a minha boinha." (5)	"Quem te ensinou a nadar?"



<p>“Eu caí na água de bóia.” (5)</p>	<p>“Tem que tomar cuidado quem não sabe nadar, porque se cair na água e não souber nadar, pode ser perigoso.”</p>
<p>“Ô tia, meu peixe morreu.” (5) e (9)</p>	<p>“O peixe também?”</p>
<p>“É um negócio assim. Aí tinha um monte de peixe naquele e na tigela o meu peixe gordão.” (5) e (9)</p>	<p>“E qual morreu?”</p>
<p>[Não compreendido].</p>	<p>“Afundou? Tá vendo, é perigoso. Não é? Então, agora você não faz mais isso, né? Você vai de bóia agora, não vai?”</p>
<p>“Você sabia que eu gosto de gato?” (4)</p>	<p>“Você gosta de gato? Você tem gato?”</p>
<p>“Tia, minha mãe falou para mim que quando eu crescer, ela vai me dar... Eu ganhei um brinquedo que tem uma varinha mágica e uma coroa.” (5)</p>	<p>“Para ser o que, fada ou princesa?”</p>
<p>“O meu pai [não compreendido] porquinho da índia.” (5)</p>	<p>“Você tem um porquinho da índia?”</p>
<p>“Algumas ‘é’ beijoqueiras. Algumas delas ‘é’ beijoqueira.”</p>	<p>“Tem umas crianças beijoqueiras?”</p>



(6)	
“E passa batom nos meninos.” (6)	“E os meninos deixam?”
“Tia, cadê o aparelho?” (1)	“Só esse hoje.”
“Ontem as meninas queriam beijar e ninguém conseguiu me beijar, porque eu sou flash.” (6) e (9)	“Você saiu que nem um flash?”
“Tô com dor nas costas.” (7)	“Dor nas costas? Faz massagem que eu vou gostar.”
“Eu acho que você [não compreendido] e acabou a bateria de ‘você’.” (2)	“Acabou a minha bateria? É, de vez em quando acaba mesmo. Tô cansada.”
“Gostei desse aqui.” (4)	“Você gostou do meu colar?”
“Eu tô vigiando vocês.” (1) e (9)	
“Ahm.” (2)	“Te arranhou? Quem te arranhou, a cachorra?”
“A câmara está te vigiando. Olha aqui.” (1)	



<p>“As guerras são malucas.” (4)</p>	<p>“Vish, passou uma guerra.”</p>
<p>“Olha lá, a câmera tá te vigiando.” (1) e (9)</p>	<p>“A câmera está me vigiando? Quem tem câmera pra me vigiar?”</p>
<p>“É só uma piadinha.” (2)</p>	<p>“O que ele falou que é piadinha?”</p>
<p>“Eu tenho óculos...” (5)</p>	
<p>“Eu tenho uma cartola maluca lá na minha casa.” (5) e (9)</p>	<p>“E o que sai de dentro dela? Você faz mágica?”</p>
<p>“O café é o dia inteiro?” (6)</p>	
<p>“Fica saindo o tempo todo quando eu tô dormindo no meu quarto.” (5) e (9)</p>	<p>“Aí você põe de volta?”</p>
<p>“Por favor, fala.” (11)</p>	<p>“Mas você tem que pedir se você quer o boné dele.”</p>
<p>“Assim eu dou descarga.” (9)</p>	<p>“Dá descarga? Quando você vai no banheiro, você dá?”</p>
<p>“Eu corro igual o Sonic agora.” (9)</p>	



“Não.” (3)	“Você comeu? Vocês não quiseram comer?”
“Sim, a gente come cocô.” (6) e (9)	“Como cocô?”
“Tia, o Léo tá falando que vai me beijar.” (6)	“Depois ele fica falando que são as meninas. Ai, ai.”
“Meu olho tá vermelho e não sei porquê.” (7)	“É mesmo. Às vezes a gente bate sem querer no olho e ele fica vermelho.”
Ela tem que ir pro médico.” (7)	“Por que? Por causa do olho?”
“O que ela está fazendo?” (6)	“Está arrumando a roupa. Um jeito diferente de por a roupa. Fica bonito.”
“Amoleceu em casa.” (7)	“É um dente nascendo aí, né?”
“Eu acho que você ficou careca.” (9)	“Será? E esse cabelo que eu tenho aqui? Quem fez nascer de novo meu cabelo?”
“Tá um pouco mole.” (7)	“Deixa eu ver. Foi esse dente que caiu? Tem um buraco aí, né? Nasceu outro?”



Turma: 1ª Etapa C – “Turma da Pipoca Doce” – tarde – Professora Cleumara – 2019

Data		Duração
30/10/2019 – 13:34 (início da gravação)		12 minutos e 22 segundos
Crianças	Tópicos de conversa	Intervenção do adulto
16 crianças presentes	“Não fala. Ninguém pode mexer.” (1)	“Pode tomar o lanchinho normal. Não mexe no celular.”
	“Eu vou colocar um piercing aqui.” (8)	
	“Já era. Eu vou comer o brinco.” (8)	
	“A minha mãe também tem. Menina também tem pelo. É grande.” (5)	
	“A tia vai brigar com todo mundo por causa que ela deixou aqui ouvindo tudo o que a gente tá falando.” (11)	
	“Ele está falando que vocês não têm pelo?” (5)	



<p>“Aí eu deixo você ficar com a minha bolinha e com meu brinco.” (8)</p>	
<p>“Não, ele está fazendo sozinho, olha só. Você vai ver.” (1)</p>	
<p>“Ele abre?” (1)</p>	
<p>“Gente, o que era aquela bolinha que apareceu agora? Agora sumiu.” (1)</p>	
<p>“Tia, ele comeu um pedaço do meu brinco.” (6)</p>	
<p>“Quem mexeu no celular da tia?” (11)</p>	
<p>“Tá demorando. Tem um, dois, três, quatro...dez.” (1)</p>	
<p>“Desculpa.” (11)</p>	<p>“Meus amores, não mexe no celular da tia. Deixa ele aí quietinho. Não pode nem por a mão.”</p>
<p>“Você se chama quem?” (8)</p>	
<p>“Para, para, gente.” (11)</p>	



<p>“A Vitória é minha amiga.” (8)</p>	
<p>“Eu tinha um plano.” (8)</p>	
<p>“O que você respondeu? Como que você é?” (8)</p>	
<p>“Você vai me levar amanhã, não vai?” (8)</p>	
<p>“Você derrubou o celular da tia.” (11)</p>	
<p>“Vou fazer pegadinha com nós. Pegadinha [não compreendido]” (8)</p>	
<p>“Não tem, não. É um sapo que pulou na gaveta do senhor João. (risada) (8) e (9)</p>	
<p>“Tia, o João derrubou o [não compreendido] em cima do celular.” (11)</p>	<p>“É mesmo? É João.”</p>

Turma: 1ª Etapa C – “Turma da Pipoca Doce” – tarde – Professora Cleumara – 2019



Data		Duração
30/10/2019 – 14:02 (início da gravação)		09 minutos e 50 segundos
Crianças	Tópicos de conversa	Intervenção do adulto
16 crianças presentes	“Engraçado.” (2)	“Fazer uma pegadinha? Tá bom. Vou fazer uma pegadinha bem engraçada.”
	“Então, você vai se comportar?” (11)	
	“Agora chega de pegadinha, porque a gente vai brincar.” (8)	
	“A gente vai brincar de pegadinha, não é Vitória?” (8)	
	“Fala... Tá fazendo muito barulho. Pessoal, se vai fazer pegadinha, vai fazer com a Maria Clara também. Maria Chata, Maria Chata...” (8)	
	“Faz pegadinha, tia.” (2)	
		“Meninos, é sentado. Tomando e comendo o lanche sentado. Quando acabarem de comer, nós vamos para a sala. Não quero ninguém em pé.”



<p>“Sofia, você sabia que o Otávio falou que ele tem [não compreendido].” (8)</p>	
<p>“Eu botei meu nome, Vitória.” (6)</p>	
	<p>“Daniel, não falei para comer o biscoito sentado? Até engasgar com o biscoito na boca.”</p>
<p>“Morri. A Maria também.” (8) e (9)</p>	
<p>“Você tá comendo sopa? O que tá comendo? Bolacha?” (3)</p>	
<p>“Vaca amarela...” (8)</p>	
<p>“Eu vi um arco-íris na minha casa.” (5) e (9)</p>	
<p>“Volta pro seu lugar.” (11)</p>	
	<p>“Deixa o Léo acabar de comer, por favor.”</p>
<p>“Ô tia, todo mundo já tá levantando.” (11)</p>	<p>“É, tô de olho neles. Acaba de comer, Léo.”</p>
<p>“Então, eu vou comer sua cara.</p>	



	Os seus olhos.” (8)	
	“Melancia!” (3)	

Turma: 1ª Etapa C – “Turma da Pipoca Doce” – tarde – Professora Cleumara – 2019		
Data 30/10/2019 – 15:54 (início da gravação)		Duração 14 minutos e 08 segundos
Crianças	Tópicos de conversa	Intervenção do adulto
16 crianças presentes	“É, porque quem mexer vai perder.” (1) e (11)	“Eu vou deixar aqui, tá bom? Não mexam no celular da tia. Podem ficar conversando normalmente, só não mexe.”
	“Tia, eu fiquei quietinho” (2) e (11)	
	“Vamos conversar sobre ‘bailarino’?” (8)	
	“O assassino.” (8)	



<p>“Você não vê [não compreendido]. Quer ver? Quer ver?” (8)</p>	
<p>“Quem peidou, então?” (6)</p>	
<p>“[Não compreendido], quinta-feira, quarta-feira. Muito bem.” (6) e (8)</p>	
<p>“Tchau, nenenzinho.” (8)</p>	
<p>“Vocês vão mexer.” (11)</p>	
<p>“Não quero nada, não quero nada.” (11)</p>	
<p>“Ô, turma do maternal... Eu era do maternal quando eu era bebê.” (6)</p>	
<p>“Nããão. Da turma da pipoca doce. Eu falei que eu era da turma da pipoca doce, porque [não compreendido].” (6)</p>	
<p>“Vou peidar na sua cara.” (8)</p>	
<p>“Vai comer sua comida. Vai comer sua comida.” (3) e (11)</p>	



<p>“Ow, não pode relar a tia falou.” (11)</p>	
<p>“Tia, o João Pedro falou que ia mexer. Eu não ia mexer no celular.” (11)</p>	<p>“Acaba de comer sua comidinha.”</p>
<p>“Eu vou contar pra tia que você tá comendo e falando.” (11)</p>	
<p>“Não. Olha lá uma caixa surpresa.” (9)</p>	
<p>“Não, é um presente. A gente tá rico. Tamo rico.” (9)</p>	
<p>“Deixa eu ajeitar aí.” (6)</p>	
<p>“Ô, vem cá.” (8)</p>	
<p>“Eu sou mais forte.” (7)</p>	
<p>“Vê se você tem [não compreendido], Vitória.” (8)</p>	
<p>“Senta aí pra você ver. Olha aqui.” (8)</p>	
<p>“É zero onze.” (1)</p>	



Turma: 1ª Etapa C – “Turma da Pipoca Doce” – tarde – Professora Cleumara – 2019

Data		Duração
01/11/2019 – 13:29 (início da gravação)		12 minutos e 02 segundos
Crianças	Tópicos de conversa	Intervenção do adulto
16 crianças presentes		“Não mexam. Não coloca a mãozinha aqui. Tudo bem, meu amor. A gente conversa depois. Vai lá tomar uma aguinha.”
	“A senhora gosta dela.” (2)	
		“Eu vou conversar com você, tá? Você tomou leite? Vai lá tomar um leitinho.”
		“Não levanta daí.”
	“Baby shark, tututu. Baby shark, tututu...” (6)	
	“Vitória, eu tenho febre alta e febre baixa.” (7)	



<p>“Para, gente. A tia falou que vai deixar todo mundo de castigo.” (11)</p>	
<p>“Eu vou conhecer o mundo das fadas.” (9)</p>	
<p>“Vamos brincar de beijar?” (8)</p>	
<p>“Esse e esse é do homem-aranha.” (9)</p>	
<p>“Dá pra ver sabe o que ?” (9)</p>	
<p>“Olha o gavião lá. Eu vi o gavião. Um gavião preto lá na rua.” (6)</p>	
<p>“Deixa eu falar uma coisa?” (8)</p>	
<p>“Ô tia Cleu...” (2)</p>	
<p>“Ô Vitória, a gente viu uma nave espacial.” (9)</p>	
<p>“Ô Vitória [não compreendido]. Tira da cabeça e arranca assim.” (9)</p>	



<p>“Eu não cuspi no celular dela. Não cuspi no celular, cuspi na mesa.” (11)</p>	
<p>“Ae Vitória, vai [não compreendido] Nojenta. Nojenta. Nojenta... (8)</p>	
<p>“Para João.” (8)</p>	
<p>“Hey, tem alguém aí? Fala, eus sou a Ayumi.” (1)</p>	
<p>“Olha, o coisinho aqui tá lodo. Aqui. Parece que tá lodo aqui, ó.” (1)</p>	
<p>“Ayumi, você cuspiu no celular. Você vai ficar sem parque. Não vai mais ser ajudante. A Ayumi cuspiu no celular da tia Cleu. Olha aqui, tá tudo melado.” (11)</p>	

<p>Turma: 1ª Etapa C – “Turma da Pipoca Doce” – tarde – Professora Cleumara – 2019</p>	
<p>Data</p> <p>01/11/2019 – 15:07 (início da gravação)</p>	<p>Duração</p> <p>06 minutos e 13 segundos</p>



Crianças	Tópicos de conversa	Intervenção do adulto
16 crianças presentes		“Vou deixar aqui. Por favor, não mexam.”
	“Ele vai estragar o celular da tia.” (11)	
	“Não pode apertar.” (11)	
	“Você chamou o meu amigo de Caio?” (8)	
	“Ô Gabi, eu sei o seu nome. Gabi.” (8)	
		“Pessoal, vamos comer bonitinho?”
	“Eu conheço todo mundo.” (8)	
	“Tá grudado. Tá muito apertado, vai. Para.” (8) e (11)	
	“Tá vendo, agora estragou. Agora vai ficar aí.” (8) e (11)	
	“Um, dois, três... (começam a cantarolar).” (8)	



“Tchau, bebezinho.” (8)	
“É festa.” (8)	
“De novo. Gabi, você é muito feiaaa.” (8)	
“Fala isso pra Amanda. Ela te beija”. (8)	
“Sossega”. (8)	
“Você é muito chata, sabia?” (8)	
“Papai tá certo aqui agora.” (9)	
“Amanda foi aqui. Ela [não compreendido] o celular.” (8)	
“A Amanda é aquela de blusa vermelha”. (8)	
“Fica quieto.” (11)	
“Oi amiga.” (8)	
“Nããão.” (8)	



	“Eu vi você na igreja.” (5) e (8)	
--	--	--

6. ANÁLISES

No aeroporto o menino perguntou:

- E se o avião tropical num passarinho?

O pai ficou torto e não respondeu.

O menino perguntou de novo:

- E se o avião tropical num passarinho triste?

A mãe teve ternuras e pensou:

Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia?

Será que os despropósitos não são mais

carregados de poesia do que o bom senso?

Ao sair do sufoco o pai refletiu:

Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.

E ficou sendo. (BARROS, Manoel de, 1999, p. 7).

6.1. Algumas análise dos diálogos das crianças

No modo de pensar das crianças observa-se uma característica sincrética, fortemente evidenciada entre os 3 e os 7 anos de idade, quando as narrativas mesclam fantasia e realidade. O mundo imaginário das crianças, cheio de força, parece sem sentido para o adulto. Mas há aí uma beleza poética que, em geral, nós, adultos, pouco conseguimos perceber, pelo ritmo acelerado da vida que levamos, pelos horários que o cotidiano nos impõe ou por não entender o ser potente que a criança é. Essa é a forma de pensamento dessa idade e a criança, que tem o direito de se expressar, nos mostrará como pensa o mundo se estivermos atentos à ela.

Analisando os diálogos, percebe-se que há um grande interesse das crianças pelas conversas uns dos outros e também pela conversa com a professora ou adulto que conhecem.

A interação das crianças com os adultos demonstra a necessidade do contato humano, do afeto e da curiosidade por esse universo do adulto, que é diferente do seu. Nós adultos somos uma grande referência para as crianças. Elas prestam atenção aos nossos gestos, nossa aparência, nossos interesses. Temos uma grande responsabilidade na convivência com elas. Nos diálogos gravados há demonstrações de afeto - “Tia? Eu te amo!” (20/09/2019), de observação atenta – “Tia, minha mãe tem um colar desse” (22/10/2019) e pedidos de brincadeira - “Oh tia, põe aqui a mão” (20/09/2019). A professora é uma interlocutora importante, mas ela precisa estar presente e atenta. Dessa forma poderá conhecer seu grupo e as individualidades de cada criança, expressas por meio da palavra, do corpo, dos gestos, das emoções. O universo da criança é muito particular.

Quanto aos temas das conversas entre elas, praticamente não aparecem diálogos sobre a alimentação ou outro tema escolar. As professoras já cuidam e comandam tudo. O interesse delas é pelo encontro, pelas conversas, pela afetividade que esse horário proporciona. Podemos perceber, por exemplo, nesses diálogos: “Tia, olha eu!” (20/09/2019); “Tia, isso é muito bom. Põe o gravador e você gravar a gente” (22/10/2019); “Aí eu deixo você ficar com a minha bolinha e com meu brinco” (30/10/2019, gravação iniciada às 13:34); “Senta aí pra você ver. Olha aqui” (30/10/2019, gravação iniciada às 15:54).

Nos trechos acima citados observa-se também um grande interesse das crianças pela conversa com os adultos, o desejo de relacionar-se e ter intimidade com eles. Com os adultos outros assuntos podem surgir e o diálogo pode ser mais prolongado; os adultos têm muito a contar, mas é difícil encontrar aqueles que tenham um interesse genuíno e que dediquem tempo para interagir com elas.

Além disso, na análise percebe-se que a maioria dos diálogos tem como tema o seu cotidiano fora da escola, fatos vividos por elas, memórias, histórias que surgem no momento do discurso e que evidenciam o pensamento sincrético. São conversas sobre animais de estimação, machucados, família, seus pertences, curiosidades de diversas ordens. Vejamos: “Eu tomei vacina” (20/09/2019); “Não,

é água de tubarão” (20/09/2019); “Ô tia, essa semente aqui não cresce, né?” (20/09/2019); “Ô tia, sabe o que minha cachorra fez?” (22/10/2019); “Tia, minha mãe vai me dar um chiclete de tatuagem” (22/10/2019); “Ele está falando que vocês não têm pelo?” (30/10/2019, gravação iniciada às 13:34).

Também gostam de contar algo sobre si mesmas: sentimentos, gostos, ideias, fantasias e demonstram as amizades que vão se formando nesses espaços de convivência, além das pequenas discussões que surgem, típicas desses momentos de interação entre pares. Exemplos: “Tô nervoso hoje” (20/09/2019); “Fala... Tá fazendo muito barulho. Pessoal, se vai fazer pegadinha, vai fazer com a Maria Clara também. Maria Chata, Maria Chata...” (30/10/2019, gravação iniciada às 14:02); “Ô Vitória, a gente viu uma nave *espacial*” (01/11/2019, gravação iniciada às 13:29); “Você chamou o meu amigo de Caio?” (01/11/2019, gravação iniciada às 15:07).

A criança traz muito de sua experiência de vida nesse momento do dia, o que é uma ótima oportunidade para escutá-las e conhecer melhor tais experiências individuais: “Quando eu era pequeno, eu fazia arte. Aí eu fui no banheiro sozinho e fiz xixi sozinho” (20/09/2019); “Ô tia, sabe o que meu pai fez? Eu orei para Deus para ele comprar uma cachorra.” (22/10/2019); “E ela falou pra mim que quando eu crescer, ela vai passar chapinha no meu cacho. Vai ficar tudo liso” (22/10/2019); “Eu vi você na igreja” (01/11/2019, gravação iniciada às 15:07).

Ao refletir sobre a concepção de currículo definida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, compreende-se que as experiências das crianças são a base do currículo da Educação Infantil. Vejamos:

“Currículo: conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade(DCNEI, 2010, p. 12).”

OLIVEIRA/MEC ainda acrescenta:

“observa-se que a concepção de currículo ressalta a necessidade de articulação, no processo educacional, das experiências e dos saberes que as crianças constroem com os conhecimentos culturais já sistematizados que ocorrem em práticas planejadas e avaliadas, superando a atitude de apenas apoiar o que elas já manifestam. Atitudes como a de transmissão de conhecimentos já sistematizados na cultura que deverão ser aprendidos pelas crianças também precisam ser superadas. É necessário o olhar para o cotidiano, para as emoções e

para os saberes presentes nas relações face a face, trazendo para o currículo o reconhecimento das experiências infantis como aspecto norteador básico. Com isso está sendo proposto um novo paradigma para a Educação escolar.” OLIVEIRA/MEC (2018, p. 8)

Analisando os diálogos das crianças podemos perceber que suas experiências são trazidas para a escola, manifestando-se por meio de diversas formas de expressão. Portanto, é muito importante que as professoras estejam atentas às conversas, corpos, gestos e olhares das crianças.

Friedmann traz seu conhecimento a partir de processos de escuta das crianças:

“Muitas vezes elas repetem e/ou ressignificam temas escutados ou vivenciados em suas casas, uma música ouvida no rádio, um diálogo que testemunharam ou a que assistiram na rua, nas redes sociais ou na TV. Podem reproduzir brigas domésticas, recriar histórias ou sonhar acordadas.” FRIEDMANN (2020, P. 113, 114)

E completa: “Escutar sem interromper é uma arte. Abrir um canal de comunicação a partir dessas expressões é um grande desafio.”

Percebe-se nos diálogos das crianças o quanto o cotidiano é potente e importante para elas. É no cotidiano vivido em casa ou na escola que as suas experiências acontecem. É aí que elas se inventam e se reinventam. Sua identidade é construída nesse tempo-espço. Na relação com os objetos e pessoas, por meio da linguagem, elas constroem sua relação com o mundo. O momento das refeições é também esse lugar, que imprime uma marca na vida social de cada uma delas.

Nas palavras de Carvalho e Fochi

“entendemos que a pedagogia do cotidiano é constituída por temporalidades, espacialidades, relações e linguagens que se estabelecem na escola. Logo, apoiamo-nos no argumento de que há um modo de fazer e de criar conhecimento no dia a dia, ou seja, o conjunto das práticas próprias da experiência de estar em uma instituição coletiva assume *status* de importância para a construção de sentidos pessoais e coletivos para meninos e meninas. Isso quer dizer que, por meio do cotidiano, temos a possibilidade de encontrar o extraordinário no ordinário vivido diariamente pelas crianças. Afinal, é da garantia dos direitos da infância que estamos tratando quando defendemos uma pedagogia que mobilize os adultos a estarem com as crianças para podermos transformar esse percurso em uma longa e bonita jornada.” CARVALHO E FOCHI (2017, P. 16)

Finalizo essa parte da análise com as palavras de Abrahão

“O adulto deve levar em consideração esse momento do pensamento infantil, de maneira que não sejam desprezadas falas e manifestações relevantes para o narrador de uma história e até mesmo para o grupo. Um espaço acolhedor e democrático, e que respeite a dinâmica do pensamento infantil, é fundamental para que os pequenos se sintam seguros e estimulados para o desafio de se comunicar, um dos principais objetivos de uma Educação Infantil de qualidade.” ABRAHÃO (2009, P. 8)

6.2. Algumas análises dos desenhos das crianças

Os desenhos foram realizados no dia 04 de dezembro de 2019. Nesse dia, antes de as crianças desenharem, mostrei a elas o livro “Deixa eu falar” (Rede Nacional Primeira Infância – 2011) para explicar que, assim que possível, eu organizaria os desenhos e alguns diálogos gravados em um livro nosso.

Pedi que fizessem desenhos sobre elas, crianças, nos horários de refeições da escola. Ficaram empolgadas e falavam de várias ideias: desenhar animais, a família, etc.. Reforcei meu pedido de que o tema do desenho fosse elas próprias, nos momentos de refeição na escola. A professora ofereceu os materiais (gizão e sulfite A4) e sentadas em mesas individuais, mas organizadas “coladas” em pequenos agrupamentos, as crianças desenharam.

Os desenhos das crianças possibilitaram uma análise por meio de outra linguagem, outra forma de expressar-se. Ainda um convite à escuta das crianças, mas de uma outra perspectiva. Vamos observar com atenção o que estão nos contando essas crianças, as mesmas que protagonizaram os diálogos transcritos e analisados anteriormente.



Fig. 1 - Desenho da Criança 1 – 5 anos e 2 meses.



Fig. 2 - Desenho da Criança 2 – 5 anos e 4 meses.



Fig. 3 – Desenho da Criança 3 – 5 anos e 8 meses.



Fig. 4 – Desenho da Criança 4 – sem identificação.



Fig. 5: Desenho da Criança 5 – 5 anos e 5 meses.



Fig. 6: Desenho da Criança 6 – 4 anos e 9 meses.

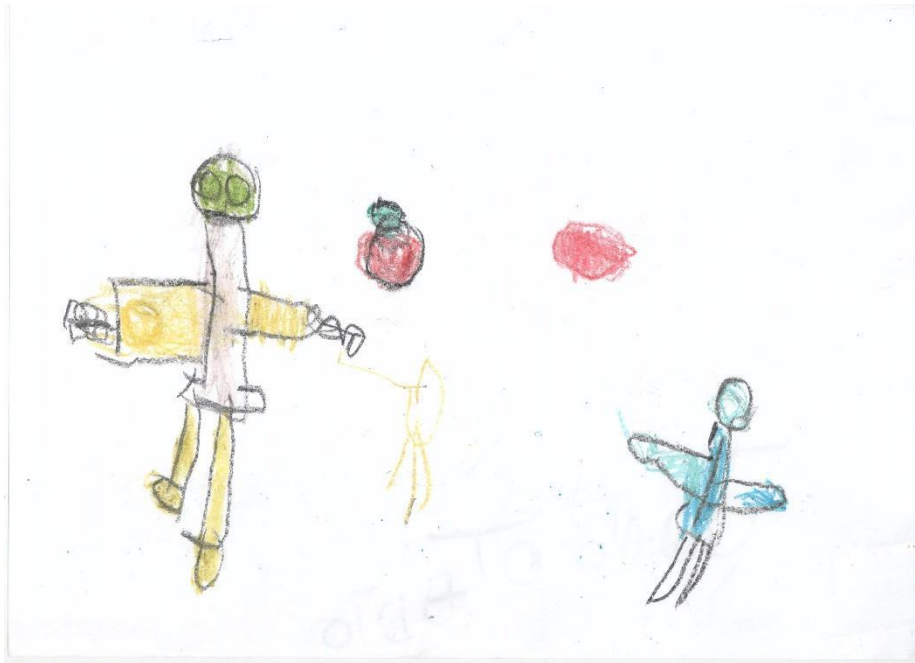


Fig. 7: Desenho da Criança 7 – 5 anos.



Fig. 8: Desenho da Criança 8 – 5 anos e 5 meses.



Fig. 9: Desenho da Criança 9 – sem identificação.

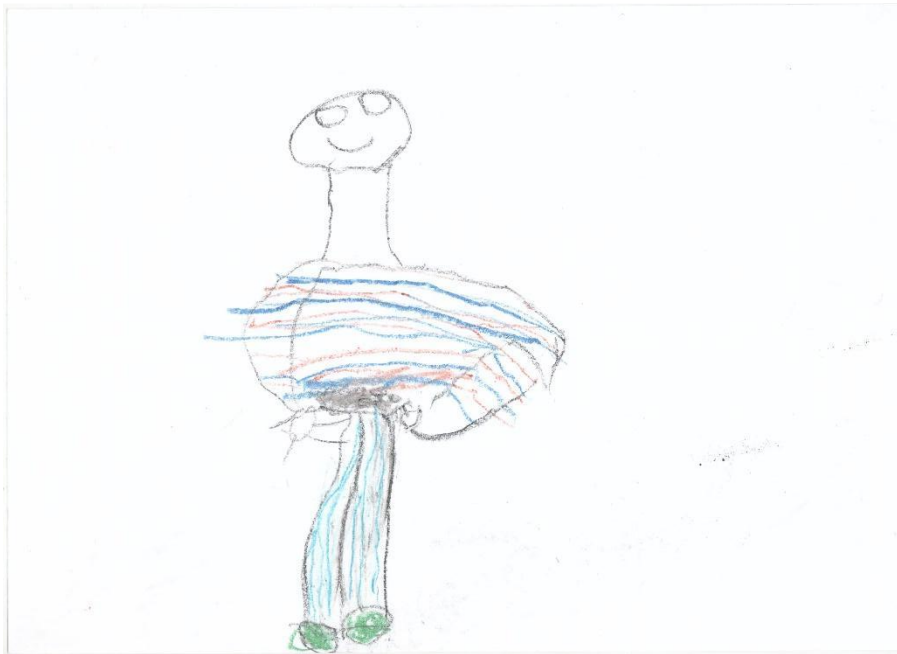


Fig. 10: Desenho da Criança 10 – sem identificação.



Fig. 11: Desenho da Criança 11 – sem identificação.



Fig. 12: Desenho da Criança 12 – 5 anos e 3 meses.



Fig. 13: Desenho da Criança 13 – 5 anos e 2 meses.

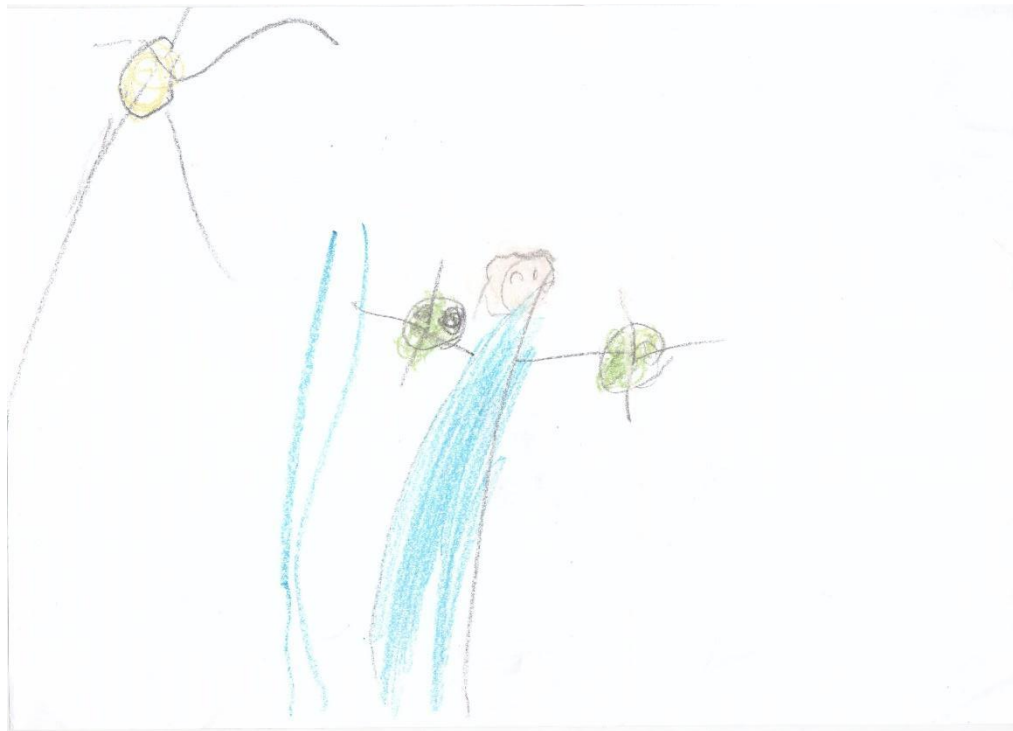


Fig. 14: Desenho da Criança 14 – 5 anos e 1 mês.



Fig. 15: Desenho da Criança 15 – 4 anos e 11 meses.

*Observação: as idades das crianças referem-se ao mês de Dezembro de 2019, pois elas desenharam no início deste mês.

É interessante perceber como a arte pode nos ajudar a pensar nas diversas formas de expressão infantil e na valorização dessas expressões por parte dos adultos que com elas convivem todos os dias.

Nesse caso, estamos analisando a linguagem do desenho. Para Barbieri

“O desenho é uma maneira de brincar no mundo, pensar o mundo, de estar no mundo, de se comunicar. [...] O ato de desenhar é uma forma de ação e de expressão. Por isso, é importante que as crianças constituam essa linguagem. Aprender a desenhar é aprender mais uma possibilidade de comunicação, por meio da qual as crianças aprendem o mundo e sobre si mesmas.” BARBIERI (2012, P. 85)

Essas crianças, em seus desenhos, continuam a expressar suas amizades, seu mundo imaginário, seus gostos, a importância do coletivo, as memórias e a alegria que vivenciam nesse momento do dia na escola.

Nos desenhos das crianças 1, 2, 3, 7, 8 e 9 observa-se que há mais de uma pessoa retratada, o que nos aponta para a ideia da importância da convivência nos horários de refeição na escola, de estar com seus amigos.

O desenho da criança 4 traz a alegria das festas de aniversário, que são rituais com momentos de partilha de alimentos. Nessa escola os aniversários das crianças são comemorados mensalmente com bolo e suco, após o almoço ou jantar. Essa criança expressa a importância desse momento para ela.

A criança 5 expressa a poética do pensamento infantil. Vemos uma linda princesa (ou rainha) com seu vestido longo, cetro, manto e coroa que se apresenta “empoderada” no ambiente preparado para a refeição.

Os alimentos e a organização do ambiente também aparecem em muitos desenhos, mas não em posição de destaque. Destaca-se mais a presença deles, crianças felizes pelo momento de encontro e partilha, não só do alimento, mas das conversas, ideias, fantasias, aprendizagens. Estando com elas pude observar tantas ações importantes sendo conjugadas: conviver, partilhar, cooperar, comer, conversar, brincar..., inúmeras possibilidades de aprendizagens acontecendo ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Não há como negar que, mesmo aqueles mais calados estão aprendendo na convivência oportunizada por esse espaço escolar. As crianças têm o direito de aprender com o outro, com aquele que é diferente de si. O outro colega de classe, o outro criança de outra turma, o outro professora, o outro estagiários, o outro funcionários da equipe escolar, o outro gestoras, o outro escola, as outras famílias.

A Base Nacional Comum Curricular (MEC/CONSED/UNDIME, 2017) explicita e reforça a importância da interação para a aprendizagem:

“os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as **interações** e a **brincadeira**, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização” (p. 35).

A pesquisa, a análise e os referenciais aqui apresentados coadunam com os princípios da BNCC, de forma a apontar a necessidade de uma maior reflexão por parte da escola e dos professores a respeito da importância dos momentos de refeição para o aprendizado e o desenvolvimento das crianças pequenas.

7. CONCLUSÃO E NOVAS INQUIETAÇÕES

“Eu sei que ele queria chamar a atenção para a importância de aprender. Explicava que aprender é mudar de conduta, fazer melhor. Quem sabe melhor e continua a cometer o mesmo erro não aprendeu nada, apenas aceitou a informação. Ele pensava que dispomos de informação suficiente para termos uma conduta mais cuidada. Elogiava insistentemente o cuidado.”
(MÃE, Valter Hugo, 2019)

Para onde esse percurso me trouxe? Para onde me leva? Durante esse período de estudos, interações com professores e parceiras de pós-graduação, de escuta das crianças, de escrita desse trabalho, posso dizer que vivi muitas e importantes experiências, foram muitos os aprendizados.

Agora, para a finalização dessa escrita, revisito o que escrevi e algumas das minhas anotações realizadas durante o curso. São falas dos professores que ainda reverberam em mim. Para além dos conhecimentos científicos, o mergulho em outras linguagens, narrativas, culturas, contextos, expressões complementaram com muita riqueza o meu olhar. Difícil é expressar tantos aprendizados em linhas de um papel. Não conseguirei expressar tudo o que gostaria, também não tive tal pretensão. Busquei, então, as palavras de alguns poetas, que tão bem as experimentam, modelam, reorganizam, ressignificam para que, em alguns espaços dessa narrativa, pudessem apoiar a expressão de minhas ideias e sentimentos. A linguagem poética transmite algo que vai além dos significados epistemológicos das palavras. Se observarmos com atenção, as crianças também nos ensinam que as coisas do mundo podem ser vistas como um caleidoscópio, cujas cores e formas se reorganizam o tempo todo, num movimento tão bonito de se ver.

E nesse movimento fui tecendo diálogos com diversos autores, pesquisadores, escritores, poetas, compositores e documentos oficiais, com a intenção de transformar o invisível em visível, as vozes das crianças em expressões que nos mobilizam e mostram a importância da escola e da professora para a garantia do seu direito de aprender e desenvolver-se.

A busca da qualidade da Educação Infantil passa pela escuta atenta e ética das crianças, sempre acreditando que elas são sujeitos ativos, criativos,

exploradores curiosos de linguagens e produtores de cultura. E acreditando que elas têm direitos que nós, educadores, temos que garantir no cotidiano da escola.

Ao longo deste trabalho, que trata de uma análise dos momentos de refeição na escola, procuro enfatizar a importância da qualidade da interação entre as crianças e delas com sua professora e outros adultos da instituição, para sua aprendizagem e desenvolvimento. A análise mostrou a relevância desse momento como oportunidade de usufruir diversos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, trabalhando, a partir do próprio cotidiano, objetivos ligados à convivência, expressão e conhecimento de si.

Também trago nas análises realizadas a evidência dos direitos de **conviver, expressar e conhecer-se** como importantes modos de aprender das crianças pequenas no espaço escolar, direitos esses tão bem explicitados pela Base Nacional Comum Curricular (2017).

Para que tais direitos sejam vivenciados no cotidiano das crianças, é necessário ter um planejamento de tempos e espaços que ampliem e oportunizem tais interações e a qualidade fundamental nesse processo.

Fica o desafio da garantia do direito de **participar**, algo que a narrativa desse trabalho evidencia, além dos direitos de brincar e explorar, que não foram objeto de estudo por ora.

Acredito ser fundamental ressaltar o grande desafio da garantia do **direito de participar**. Pelas minhas vivências nesses 27 anos de profissão, a garantia desse direito hoje é um dos maiores desafios. Durante a escrita deste trabalho pude apontar questões que dificultam o olhar para esse direito, tais como: as hierarquias nas relações entre adultos e crianças, os espaços e tempos de participação, a concepção de criança como sujeito potente e protagonista de suas ações, vontades, pensamentos e sentimentos, a escuta respeitosa dos “dizeres” das crianças em suas diversas formas de manifestação.

Nas palavras da minha querida mestra Adriana Friedmann

“Estou também falando em não tomar decisões unilaterais por elas e para elas, acreditando que não tenham a capacidade de opinar sobre suas próprias vidas. Estou falando de levar em conta suas vozes, incômodos, vontades, limitações, sentimentos, emoções e, sobretudo, potencialidades, com o intuito de repensar e adequar atividades, espaços

e programas a elas oferecidos, seja em casa, na escola, no bairro ou na comunidade.” E: “Isso é democracia e um exercício de direitos civis. O que preocupa é quando os adultos atravessam vontades e interesses infantis ou colocam ideias ou pensamentos do universo adulto na pauta das crianças.” FRIEDMANN (2020, P. 144 E 145)

Além de escutar as crianças, para enfrentarmos tantos desafios acrescento a necessidade de abrir canais de escuta de todos os que participam da educação das crianças, sejam eles educadores, funcionários das instituições ou familiares. Tais escutas precisam ser acolhidas e passar por um processo de muitas reflexões, a fim de que as escolas de educação infantil tomem decisões mais assertivas em busca de um atendimento de qualidade, que é direito das crianças.

Finalizando, deixo uma provocação com relação ao momento atual que estamos vivendo: a pandemia causada pelo Coronavírus. As escolas estão fechadas desde meados de março deste ano, a circulação de pessoas está reduzida, muitos estão trabalhando em casa de forma remota, as crianças estão há muitos dias em casa, sem poder frequentar a escola e espaços públicos, sem poder ver alguns de seus parentes, pois a recomendação para a proteção da nossa vida é “Fique em casa!” Nossos corpos foram separados e o que nos dá a oportunidade do encontro, neste momento, é o uso de alguns recursos tecnológicos.

Nós, pesquisadores e profissionais da infância, teremos muito por fazer. Viver é relacionar-se e estamos privados desses espaços de relação fora de casa. Além de toda a problemática das desigualdades sociais de nosso imenso e diverso país, das questões da violência doméstica, fome, residências precárias e outras tão cruéis vividas por tantas famílias, temos o desafio de acolher as crianças hoje, mesmo sem poderem frequentar esse importante espaço de convivência que é a escola.

Muitas dúvidas, angústias e questionamentos povoam nossos pensamentos, inclusive quanto ao retorno às aulas. Talvez o silêncio forçado trazido pelo afastamento social possa nos fazer pensar nas experiências que elas viviam antes, no espaço escolar, nas experiências que estão vivendo em casa com seus familiares e nas experiências que devemos garantir quando elas retornarem.

Os risos, conversas, brincadeiras, discussões, conflitos ao redor das mesas dos refeitórios das escolas estão silenciados. Esse silêncio traz consigo um grande vazio e muita preocupação. Onde estão suas vozes? Como ficam as crianças que não têm irmãos? Como garantir seu direito à convivência com outras crianças e outros adultos fora da família? Muitos educadores estão arduamente em busca por caminhos que, de alguma forma possível, conectem crianças, famílias e escola, pois é inegável que o espaço escolar é fundamental para a vida das crianças, familiares e comunidade escolar; é espaço de escuta e acolhimento, de construção de identidades, de interações com sujeitos de culturas diferentes, de encontros e convivência, de luta pela garantia dos direitos das crianças e de seus familiares.

Frente a tantos desafios e também potencialidades, deixo o convite à continuidade da escuta das crianças, inclusive dentro de suas casas, também lugar de experiências. Ainda há muito a ser pesquisado, ainda há muito a ser refletido, ainda há muito a ser narrado. A vez e a voz das crianças precisa de espaço, de tempo, de interlocutores. Elas têm muito a nos dizer. A busca pelo atendimento das necessidades das crianças e garantia de seus direitos perpassa por escutar suas vozes. E esse deve ser um compromisso de todos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Cristiane. Pensamento sincrético em conversas infantis – *Revista Avisalá*, v. 38, p. 4 – 10, 2009.
- BARBIERI, Stela *Interações: onde está a arte na infância?* São Paulo: Blucher, 2012 – Coleção: InterAções.
- BARBOSA, M. C. S. *Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil*, São Paulo: Artmed, 2006.
- BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- CAMPOS, Maria M.; ROSEMBERG, Fúlvia *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças* 6 ed. Brasília, MEC/SEB, 2009.
- CARVALHO, Rodrigo S.; FOCHI, Paulo Sérgio *A pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil – Revista Em aberto*, Brasília, v. 30, n. 100, p. 15-19, 2017.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO; CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Disponível em http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf. Acesso em 15/05/2020.

DERDYK, E. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione, 1989.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.)) *As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação*. v.2. Porto Alegre: Penso, 2016.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA ANNA MANTOVANI DE ANDRADE Projeto Político Pedagógico – em construção São José do Rio Preto/SP, 2019.

FRIEDMANN, Adriana *A vez e a voz das crianças: abrir-se à escuta, abrir-se à escrita – Caminhos para a escrita do TCC*

FRIEDMANN, Adriana. *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias*. 1 ed. São Paulo, Panda Books, 2020.

FRIEDMANN, Adriana. *Linguagens e Culturas Infantis*. São Paulo: Cortez, 2013.

MÃE, Valter Hugo. *As mais belas coisas do mundo*. 1 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019

FOCHI, Paulo S.; BARBOSA, Maria C.S.; CRUZ, Silvia H. V.; OLIVEIRA, Zilma M. R. O que é básico na Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil? *Revista Debates em Educação*, Maceió, v. 8, n. 16, 2016.

MACHADO, Maria L. A. Educação Infantil e Socio-Interacionismo. In OLIVEIRA, Z. M. R. (org.) *Educação Infantil: muitos olhares* 6 ed. São Paulo, Cortez, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA Diretrizes em ação : qualidade no dia a dia da educação infantil– São Paulo : Ed. Instituto Avisa Lá , 2015 - p. 38-39.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB, 2010

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18/05/2020.

NASCIMENTO, Anelise. *Reflexões sobre o tempo no cotidiano da Educação Infantil*. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portalrepositorio/File/vertentes/Vertentes_31/anelise_do_nascimento.pdf / Acesso em 18/05/2020.

NUNES, Nadir N. O ingresso na pré-escola: uma leitura psicogenética. In: OLIVEIRA, Zilma M. R. (org.) *A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil* 5. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, Zilma M. R. *Campos de Experiências: efetivando direitos e aprendizagens na educação infantil* São Paulo. Fundação Santillana, 2018.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Educação Infantil e arte: sentidos e práticas possíveis*. UNESP/UNIVESP. Acervo digital pesquisado em 07/05/2020.

PROENÇA, Maria Alice. A rotina como âncora do cotidiano da Educação Infantil, *Revista Pátio Educação Infantil*, Ano II, n. 4, p.13-15, 2004.

VELOSO, Caetano *Oração ao tempo* Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44760/> Acesso em: 06/05/2020.

***Desenhos das páginas 26 a 52** realizados pela artista plástica e professora de artes ANDREA ALY CECILIO GAMERO.

***As fotografias dos espaços escolares** foram tiradas com a câmera do meu celular.

***Receita para ouvir uma criança:** texto de minha autoria.

Anexos

Gravação: 20/09/2019 – às 15:48

Duração total dos áudios: 0h19min28s

Legenda	
(-)	Comentários da (o) transcritora (r)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde se inicia a fala não compreendida
[]	Trecho não compreendido com clareza
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
(...)	Frase sem continuidade ou interrompida
P	Pesquisadora
C	Crianças

P: ... Esse é um... Agora vamos ligar o outro. Esse aqui também já está ligado.

Hoje nós não podemos mexer nele, porque dá outra vez ficou ruim porque ficou mexendo, tá bom?

C: Tá bom.

P: Então, a gente vai deixar ele quietinho, tá? Senão não grava direito.

C: Tia?

P: Oi, amor.

C: Eu te amo.

P: Ah, lindeza. Eu também te amo. Adoro as crianças.

C: De quem é?

P: De quem será esse prato?

C: Não é meu, não.

P: Quem será que ficou sem? Às vezes, foi no banheiro.

C: É dele...

P: É seu prato? Não?

C: É sim. Daniel. É sim, tia. É dele.

C: Eu vi ele pegando.

C: Daniel, eu vou falar para a tia.

P: Daniel falou que não é dele. Quem viu?

C: É dele. É dele, sim.

C: Eu vi que ele colocou ai o prato dele.

C: Ele mentiu, tia. Esse prato é dele.

C: Tô nervoso hoje.

P: Tá nervoso? O que aconteceu?

C: Não sei.

P: Tem dia que a gente acorda meio do avesso, né?

C: Hoje eu acordei e nem deu “pra mim” tomar café. Acordei atrasada.

C: Tá gravando?

P: Tá gravando. Tá vendo que o número vai mudando?

C: Ahm.

C: Ô, tia, ele também faz arte, viu? Ele faz arte e eu não faço.

C: Eu também faço.

P: Ele faz arte? Menino faz arte? Todos os meninos será que fazem arte?

C: Eu faço.

P: Mas e as meninas, não fazem arte? Tem certeza?

C: Não.

C: Meninas fazem, sim. Elas ficam correndo na sala com todo mundo.

C: Mentira.

C: Nós "anda" com os meninos.

C: É que todo mundo corre, a gente corre na sala.

C: Você também corre.

(Começam a falar ao mesmo tempo sobre correr na sala de aula).

P: Tá sujo?

C: Tia, ele fica respondendo para a tia, sabia?

P: É? Mas então ele tem que aprender a não responder.

C: Não, não fico respondendo nada.

P: Não fica, não?

C: Não, eu já parei.

P: Então, tá bom.

Cuidado que assim vai machucar. Corta com o dente. Tira fora, senão vai sair sangue.

C: Os meninos já tá com cárie.

P: Tá com cárie?

C: Tá.

P: O dente está com cárie? Mas você está cuidando? Você foi no dentista? Ele está arrumando?

C: É, eu já fui no dentista. Minha mãe fingiu que não ia dar injeção na minha bunda, mas deu, sim.

P: O dentista deu injeção na bunda?

C: Ahm.

P: Não é médico que dá injeção na bunda?

C: Não.

C: É o médico, sim.

P: Onde que o dentista dá injeção?

C: No dente.

C: Eu tomei vacina.

C: Sabe por que machucou aqui?

P: Ralou, né?

C: Ralei na pedra. Eu estava grudado [Não compreendido - 4m08]... lá perto do balanço.

C: Tia?

P: Oi, amor.

C: [Todos falam ao mesmo tempo 4m19)

P: Você chorou? Doeu muito?

C: Eu também chorei.

C: Tia, o que é isso?

P: É bateria.

C: Enzo, Enzo?

P: O que você quer com o Enzo?

C: Quero falar na câmera.

P: Deixa assim.

C: Eeenzo.

P: Ih, nem escutou você.

C: Você sabia que o Brian [Não compreendido - falas sobrepostas - 05m06].

P: Quem é o Brian?

C: Brian é daquela sala ali.

P: Da outra turma? Ele é maior?

C: Não, ele é desse tamanhinho.

P: Ele é pequenininho?

C: Ahn.

C: Eu vou lá falar oi para o Enzo e vou colocar mais comida.

P: Isso.

C: Ele é tão forte que quer bater na cara.

C: Ele tem músculo no peito.

P: Tem músculo no peito? Que forte, hein?

C: Tem. É bem forte.

P: Você não vai comer hoje?

C: Não, não tem arroz branco.

P: Não tem arroz branco e você não quer comer? Esse arroz é com frango.

C: Oh, tia? Olha o seu [Não compreendido - 06m03]. Põe a mão aqui na frente.

P: Cadê?

C: A gente tá forte.

P: Tô vendo.

C: A câmera tem visor também?

P: É porque a tia só está gravando a voz.

C: Tia, põe a mão aqui.

P: Eu não, vocês vão me amassar.

C: Tia, eu vou bater assim.

C: Bate em mim.

P: Vai. Olha a montanha de mãos. Uma montanha.

C: Tia, olha eu.

C: Tia, olha eu aqui.

C: Tia, eu fiz uma escada [Não compreendido - 07m3].

P: Jura?

C: Sim, ó.

C: Põe a mão aqui.

P: Ai, chega. Tô muito amassada.

C: Põe, é rapidinho.

C: Titia.

P: Oi, amor. O que aconteceu?

C: O meu [Não compreendido - 07m23] estava sangrando. Aí, depois eu corte lá em casa e sangrou mais ainda. Aí, eu tinha que ir no médico para examinar e tinha uma casquinha lá dentro de sangue.

P: E ele tirou?

C: Não, tem que tirar semana que vem.

C: Nossa, coragem.

C: Oh, tia, põe aqui a mão.

P: Peraí, ele quer falar do saci pererê.

C: O saci pererê foi lá pro céu.

P: Foi no céu?

C: Ahm, porque ele é um furacão.

P: Foi com um furacão no céu? É aquele redemoinho que ele fica rodando?

C: Tia, sabe quem pegou ele?

P: Quem pegou ele?

C: Pessoas do mal.

P: Essa parte também?

C: Doeu muito. Tinha outra casquinha cheia de sangue. O médico tirou hoje.

C: Tia, põe a mão aqui.

P: Você não consegue levantar? Aí, alguém ajuda ele. Conseguiu. É, estava molhado embaixo. Ajuda o amigo. Isso, pendura. Quem sabe pendurar? Ops...

C: Põe a mão aqui.

P: Se não acha ninguém, leva o prato lá. Alguém leva, fazendo o favor? Obrigada, viu?

C: É a Victória.

P: A Victória vai deixar arrumadinho. Assim não fica bagunçando. Olha a mesa como ficou?

C: Oooh, tiiia.

P: Oi.

C: Já gravou?

P: Tá gravando.

O que aconteceu? Meleca de cocô?

C: Não, é água de tubarão.

C: Não, é cocô.

P: É uma coisa esquisita, né?

Ali, ó, hoje tem fruta.

C: Oh, tia, eu não fiz os cílios.

C: Eu também, eu não fiz, não.

P: Bonito.

C: Tia, cílios de boneca.

P: Cílios de boneca?

C: Eu não quero tia.

P: Não quer, amor?

C: Não.

P: Não pode ficar colocando a mão e tirando, senão estraga a melancia. Alguém mais quer melancia?

C: Eu quero catar uma sementinha.

P: Catar uma semente?

C: Eu também.

C: Não, a tia falou para jogar fora.

C: Mas a gente vai plantar.

C: Oh, tia, quando terminar a semente de você, você dá para “mim” plantar?

P: Dou.

C: Dá para mim, tia.

P: Você está comendo.

C: Planta a sua, que você tá comendo.

C: Uma vez eu peguei a semente do João Pedro e ele chorou, porque ele ia plantar. E eu plantei já. Nem lembro mais onde que tá.

P: Será que não nasceu.

C: Está gelada a semente.

C: Oh, tia, essa semente aqui não cresce, né?

P: Não.

C: Pode comer ela, né?

P: Pode. Ela é muito novinha.

C: Ela é muito novinha.

C: Oh, tia, essas aqui não.

P: Essas, não. Essa pode plantar.

C: Oh, tia, se a gente comer essas, engolir ela assim, e depois a gente vai beber e vai crescer na nossa cabeça.

P: Cresce na cabeça? Jura? Será?

C: Sofia, quer minha semente?

C: Um pé de melancia na cabeça.

P: Quando eu era pequena, eu achava que ia crescer um pé na minha barriga.

C: Quando eu era pequeno, eu fazia muita arte. Aí, eu fui no banheiro sozinho e fiz xixi sozinho.

P: Você aprendeu sozinho?

C: Tinha um peniquinho.

P: Tinha um peniquinho? É, a gente usa penico para aprender.

C: Eu também fazia arte.

P: Você também fazia arte?

C: Muita arte.

P: Deixava a mamãe doida?

C: Ele usa penico (risada).

P: Todo mundo usa penico para aprender a fazer xixi e cocô.

C: Eu não uso.

P: Não? Quase todo mundo usa, então.

C: Só quando eu era nenê.

P: Então.

C: Tia, cuida da minha semente, porque os outros também querem e eles pegam.

P: Cuido. Você vai lavar a mão?

C: Tia, tem aranha?

P: Aqui é um matinho, só que ele está seco, entendeu?

C: Não.

P: Esse é dela, depois você vê com ela se ela te dá. Mas tem mais, olha. Os meninos estão juntando?

C: Oh, tia?

P: Oi, amor.

C: Vai lá falar para a tia Clau que [Não compreendido - 16m15]

P: Vocês vão plantar a semente?

C: É.

P: Vou falar para ela. Deixa a amiga voltar.

C: Eu vou plantar na casa da minha vó.

P: Ah, você vai levar para a casa da vó?

C: Minha vó vem me buscar.

P: A vovó que te busca hoje?

C: Não, minha vó não vai me buscar hoje.

P: Quem vem te buscar?

C: Minha mãe.

C: E acho que também meu pai.

P: Alguém perdeu?

C: Não é meu.

C: É meu.

P: Achou, pronto.

C: Sofia, me dá uma semente?

C: Não.

P: Você está com bastante. Já dá bastante essas daí.

C: Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete.

C: Tia, eu só tenho três.

P: Tem pedaço que tem mais, tem pedaço que tem menos.

C: Tia, olha só.

P: Tem um nenê aí?

C: Tem um de verdade.

P: É mesmo, tem um de verdade.

C: É sua?

C: Tia, cuida da minha semente.

C: Tá gravando?

C: Tia, eu tava plantando um pé de feijão.

P: Pé de feijão? Ué, mas não é melancia? A semente de melancia nasce feijão?

C: Ahm.

P: É? Verdade?

C: Tia, tem mais semente aqui para mim. Me ajuda a pegar, tia.

P: Tem que pegar no garfo, peraí.

C: Tira uma semente para mim, tia.

P: Tiro.

C: Tia, eu quero uma para mim, porque eu só tenho três.

P: Uma para cada um.

C: Tia, e eu?

P: Vou pegar.

C: Tia, não quero essa.

P: Não? É a mesma coisa. A única diferença é que ela tem melancia. Tira a melancia dela.

C: Tia, olha.

P: Um nenezão?

Já vou parar.

Gravação: 22/10/2019 - às 13:38

Duração total dos áudios: 0h13min11s

Legenda	
(-)	Comentários da (o) transcritora (r)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde se inicia a fala não compreendida
[]	Trecho não compreendido com clareza
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
(...)	Frase sem continuidade ou interrompida
P	Pesquisadora
C	Crianças

C: Tia, isso é muito bom. Põe o gravador e você gravar a gente.

P: Então, tô gravando.

C: Isso é muito bom [Não compreendido - 12s].

P: Você acha legal?

C: Sim.

P: É, então. Vou saber o que vocês conversam na escola. O que vocês gostam de conversar na hora do lanche.

O que você acha que você conversa com seus amigos na hora do lanche?

C: Eu fico conversando da minha cachorra na hora do lanche.

P: Da sua cachorra? Como ela chama?

C: Ella. Só que ela morreu. Por causa de um sapo.

P: Ela mordeu um sapo?

C: Ela engoliu.

P: Ela era muito grande?

C: Não, era desse tamanho.

P: Ela era pequena?

C: Era.

P: Vai ver tinha muito veneno esse sapo, né?

C: É. Mas depois arrancou um pouquinho da barriga dela e [Não compreendido - 57s] cordinha verde dentro da barriga. Parecia um [Não compreendido - 1m]. Só que o médico falou o que era. Era um vírus.

P: Era um vírus que tinha na barriga? E mesmo assim ela morreu? Deu um remédio nela?

C: É. A gente esqueceu de dar fubá e aí ela morreu.

P: Então, o remédio não resolveu.

C: Tia, minha mãe plantou uma semente e depois ela resolveu ir no hospital, porque ela tinha engolido a semente.

P: Ela teve que ir para o hospital porque ela engoliu a semente? E era semente de quê?

C: De abóbora.

P: Semente de abóbora? Por que será que fez mal?

C: O médico falou para mim que era e que a sementinha de abóbora cresceu na barriga da minha mãe.

P: Nasceu um pé de abóbora na barriga dela? E quantas abóboras será que ia nascer? Já pensou ficar carregadinha de abóbora lá dentro na barriga?

C: O médico falou que ficou 80 abóboras na barriga dela.

P: Hummm. Ia explodir a barriga dela.

C: Tia?

P: Oi, amor.

C: Eu estava no médico, porque eu quebrei o braço e depois tive que ficar dormindo lá. Depois eu tive que tomar remédio.

P: Mas você ficou no hospital? Você quebrou o braço?

C: É.

C: Eu também. Eu quebrei esse braço.

P: Mas onde quebrou o braço? Em qual lugar?

C: Aqui.

P: Aí no meio? Doeu muito?

C: Doeu.

P: Quebrar o braço dói. Eu também já quebrei.

C: Daí eu [Muito barulho - 2m43] chorei. Eu falei “Papai, doeu”.

P: Na hora que colocou o gesso doeu muito?

C: É. Daí eu falei “Papai” e o papai já estava comigo.

P: Aí você falou “Papaaai”. Assim? É, quando dói muito a gente chama o papai mesmo. A tia Eliani também já quebrou duas vezes.

C: Quê?

P: Duas vezes eu quebrei o braço. Dói muito.

C: Tia, sabe o que meu pai fez? Eu orei para Deus para ele comprar uma cachorra.

P: Você orou para Deus para ele comprar uma cachorra?

C: Foi lá e comprou.

P: E você já teve uma cachorra nova? Como ela chama?

C: Sim. [Não compreendido - 3m28]. Só que ela adora lambe a gente.

P: Ela lambe lambe?

C: Ela lambe muito e ela deita muito.

P: Essa é maior do que a outra que morreu?

C: É.

P: Que cor que ela é?

C: Branca com mancha marrom.

P: Eu também tenho uma branca com mancha marrom, só que ela é pequena.

C: A pequena é assim ó.

C: Tia? Aí [Não compreendido - 4m], aí eu chamei “papai”. Aí, minha mãe estava junto com meu pai no médico.

P: E a mamãe também foi lá te socorrer?

C: Quê?

P: A mamãe foi lá te ajudar também?

C: Ahm.

P: É ruim ficar com dor, né? Mas depois que coloca o gesso melhora, não melhora? Na hora dói, depois vai melhorando, né? O osso vai colando.

C: É.

P: E esse pão aí, já comeu? Não quer mais? Põe no lixo, então.

C: Ô, tia, já gravou?

P: Tá gravando.

C: Eu quero que grava logo.

C: Ô, tia, sabe o que minha cachorra fez?

P: O que sua cachorra fez?

C: A minha cachorra pegou minha água, pegou o meu café e pegou minha [Não compreendido - 5m14].

P: Tá gravando. Não está vendo que a bolinha está piscando?

C: Sim.

C: Mas eu só tô vendo escuro.

P: Não está gravando a imagem, só está gravando o som. Só o que a gente está conversando.

C: Minha cachorra chama Fênix.

P: Você sabia que fênix é o nome de uma ave?

C: Não.

P: Aí, você colocou o nome da cachorra, né? Mas é um nome bonito. É cachorro ou cachorra?

C: Menina.

C: A minha cachorrinha foi enterrar o osso, quando ela [Não compreendido - 6m07], não tem osso.

P: Ela enterrou o osso ou ela engoliu?

C: Ela engoliu e depois enterrou.

P: Saiu no cocô? Quando ela engoliu, saiu no cocô ou ela vomitou?

C: Ela estava cuspendo.

P: E depois?

C: Depois ela foi pro hospital.

P: Teve que tirar o osso no hospital? E devolveu para ela o osso? Cadê o osso dela? No veterinário? E ela foi lá e enterrou o osso?

C: Depois ela engoliu o osso.

P: De novo?

C: Não, essa foi a segunda. Aí, eu fui lá no hospital e o osso estava aqui.

P: Estava na cabeça? Foi parar na cabeça? Entrou no cérebro.

C: Daí ficou um furo. Daí, eu fui dar comida para ela e ela caiu morta.

P: Fez mal.

C: Eu esqueci dar o remédio. Daí, eu dei o remédio antes dela dormir e às cinco horas eu fui dar a injeção e ela estava morta lá jogada no quintal.

P: Nossa. E você ficou triste?

C: Fiquei. O braço dela estava todo marcado assim.

P: Machucado?

C: Ela foi no hospital, daí o médico curou, deu um remedinho e ela sarou. Tirou o osso e ela viveu.

C: Ô, tia, eu tenho um cachorro que chama Leão. Ele é menino.

P: Aí, você engana os outros. Você fala que tem um leão na sua casa e as pessoas acham que é um leão de verdade e é um cachorro.

C: Ahm.

C: Olha, tia, eu sou um leão.

C: Tia, sabe o que a Fênix fez? Ela estava mordendo o filhotinho dela.

P: Ela teve um filhote?

C: Teve.

P: Era macho ou fêmea?

C: Ah, mentira, o nome dela não é Fênix.

P: Não?

C: Não. Ela teve três filhos. E levaram para o sítio.

P: Levaram para o sítio?

C: Levou tudo.

...

P: Que cor é o olho dele?

C: Preto.

P: E o seu? Qual é o dela?

C: Marrom também.

P: Quando o olho é marrom, sabe como a gente fala?

C: Como?

P: A gente fala castanho.

C: Minha irmã colocou uma gotinha aqui no meu olho, ardeu, e depois mudou de cor.

P: Um colírio?

C: É.

P: Mas é de mudar o olho de cor?

C: É.

P: É? E que cor ficou?

C: Ficou azul. Quer dizer, branco, azul, verde, amarelo.

P: Nossa, olho amarelo? Acho que você ficou parecendo um vampiro de olho amarelo.

C: É.

C: Tia, minha mãe vai me dar um chiclete de tatuagem.

P: Chiclete de tatuagem? Você vai ganhar um chiclete de tatuagem? Como que põe a tatuagem? Põe aonde?

C: Aqui.

P: Na mão? E como faz para por na mão?

C: Molha.

P: Molha com água?

C: É.

P: E aí põe assim?

C: Aí, tira a tatuagem e espera secar.

P: Quanto tempo dura a tatuagem será? Quanto tempo será que fica na mão?

(Criança faz um uivo)

P: Você é um lobisomem?

C: É, um lobisomem que sou eu.

P: Você virou um lobisomem?

C: Não.

P: Uma lenda?

C: Sim.

C: Eu vi um lobisomem.

C: Eu vi um lobisomem no Sítio do Pica Pau Amarelo.

P: Nossa, tem mesmo. Você já assistiu?

C: Sim, mas no youtube.

P: É legal. Eu assistia quando eu era criança.

C: Tia, minha mãe tem um colar desse.

C: E eu tenho um colar de coração.

C: Mas o da minha mãe é rosa, com vermelho, com uma cor de parecendo [Não compreendido - 12m29].

P: Fica bonito.

C: E ela falou para mim que quando eu crescer, ela vai passar chapinha no meu cacho. Vai ficar tudo liso.

P: Mas é tão lindo seu cacho.

C: Mas minha mãe falou que vai.

P: Ela quer deixar seu cabelo liso?

C: Ahm. Ela ficou brava, porque quando acordo meu cabelo fica assim.

P: Fica alto?

C: É.

Gravação: 24/10/2019 – às 13:35

Duração total dos áudios: 0h12min24s

Legenda	
(-)	Comentários da (o) transcritora (r)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde se inicia a fala não compreendida

[]	Trecho não compreendido com clareza
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
(...)	Frase sem continuidade ou interrompida
P	Pesquisadora
C	Crianças

P: Pode contar. O que você quer me contar hoje?

C: Meus três gatos morreram.

P: Três gatos morreram? Na sua casa ou da rua?

C: Minha casa.

P: O que aconteceu?

C: Ah, eu fui dar comida para eles, deixei eles sozinhos comendo e [Não compreendido - 26s]. Aí, morreram.

P: Eles morreram por que tinha veneno na comida?

C: Tinha. A gente não pôs. Eu não fui.

P: Ah, não. A gente não põe veneno na comida do gato, né? Que dó.

C: Tia, eu tenho uma piscina.

P: Você tem uma piscina?

C: Ô, tia, eu aprendi nadar. Com a minha boinha.

P: Quem te ensinou a nadar?

C: Eu mesmo.

P: Você aprendeu sozinho? É?

E você, também sabe nadar?

C: Muito ruim.

P: Você não sabe?

C: Eu que não sei.

P: Tem que tomar cuidado quem não sabe nada, porque se cair na água e não souber nadar, pode ser perigoso.

C: Eu cai na água de boia.

C: Eu pego boinha.

C: Eu também pego.

C: Eu pego boia também.

P: Ah, bom. Pra gente ficar seguro.

C: Ô, tia, meu peixe morreu.

P: O peixe também?

C: Os dois peixes. Eu tinha um de peixe na bacia, só que um peixe [Não compreendido - 1m44].

P: Na bacia ou no aquário?

C: É um negócio assim.

Aí, tinha um monte de peixe naquele e na tigela o meu peixe gordão.

P: E qual morreu?

C: O peixe gordão e os peixinhos.

P: Não sobrou nenhum?

C: Não.

C: [Não compreendido - Voz muito abafada - 2m16].

P: Afundou? Tá vendo, é perigoso. Não é?

Então, agora você não faz mais isso, né? Você vai de boia agora, não vai?

C: Ô, tia, meu pai me jogou na piscina e eu afundei.

P: Jogou você na piscina e você afundou?

C: Sim.

Você sabia que eu gosto de gato?

P: Você gosta de gato? Você tem gato?

C: Não, meu gato morreu.

P: Ah, e você vai querer outro?

C: Vou.

C: [Não compreendido - 3m09] morreu.

P: Comeu muito? Estourou a barriga? Que dó.

C: Tia, minha mãe falou para mim que quando eu crescer, ela vai me dar... Eu ganhei um brinquedo que tem uma varinha mágica e uma coroa.

P: Para ser o que, fada ou princesa?

C: A minha mãe vai me chamar de fadinha.

C: O meu papai [Não compreendido - 3m43] porquinho da índia.

P: Você tem um porquinho da índia?

C: Ele morreu de dor de barriga.

P: Também morreu?

C: Algumas "é" beijoqueiras. Algumas delas "é" beijoqueira.

P: Tem umas crianças beijoqueiras?

C: Não, algumas vezes elas...

P: Ali? Duas meninas beijoqueiras?

C: Não, algumas.

P: Você já viu que são beijoqueiras?

C: Menina beijando menino.

P: Vive beijando menino?

Ele disse que tem umas meninas beijoqueiras. Você acha que tem mesmo?

C: Tem, sim.

P: E fica querendo beijar os meninos?

C: E passa batom em meninos.

P: E os meninos deixam?

C: Não.

P: Saem correndo?

C: Sim.

C: Tia, cadê [Não compreendido - 5m03]?

P: Só esse hoje.

C: Tá quebrado.

P: Esse está com um risco na tela, mas está funcionando.

C: Tia, deixa eu falar?

P: Fala, meu amor.

C: Ontem as meninas queriam me beijar e ninguém conseguiu me beijar, porque eu sou flash.

P: Você saiu que nem um flash.

C: Eu também, eu também.

(Falas sobrepostas)

P: Menino gato?

(Falas sobrepostas)

C: Tô com dor nas costas.

P: Dor nas costas? Faz uma massagem que eu vou gostar.

C: Eu acho que você [Não compreendido - 5m52] e acabou a bateria "de você".

P: Acabou minha bateria? É, de vez em quando, acaba mesmo. Tô cansada.

C: Gostei desse aqui.

P: Você gostou do meu colar?
Deixa gravando. Deixa ele aqui.

C: Tá gravando?

P: Tá gravando o que vocês conversam.

C: Eu tenho um colar de coração.

P: É bonito, né? A tia gosta de colar.

C: Tia, eu tenho corrente e tenho perfume. E óculos.

P: E você põe tudo isso quando vai sair?

C: Eu to vigiando vocês.

(Falas sobrepostas)

P: Te arranhou? Quem te arranhou, a cachorra?

C: Ahm.

P: Ela é brava?

C: É brava e pequena e forte.

P: Ela morde o calcanhar? Tem cachorro pequeno que morde o calcanhar.

C: A câmara tá te vigiando. Olha aqui.

P: Vish, passou uma guerra.

C: As guerras são malucas.

C: Olha lá, a câmara tá te vigiando.

P: A câmara está me vigiando? Quem tem câmara pra me vigiar?

C: Você.

P: Eu? Eu mesma estou me vigiando?

C: Sim.

P: O que será que eu quero descobrir sobre mim mesma?

C: Nada.

P: Nada? Então, é só para ficar de olho.

C: Sim.

C: É só uma piadinha.

P: O que ele falou que é piadinha?

C: Eu tenho óculos...

P: Ah, está contando para ele.

C: [Não compreendido - 7m50]

C: Tia, eu tenho chapéu de cowboy.

C: Eu tenho uma cartola maluca lá na minha casa.

P: E o que sai de dentro dela? Você faz mágica?

C: Sim.

P: Qual mágica você gosta de fazer?

C: Eu faço do coelho e faço e do lenço.

P: E sai coelho?

C: Sim. E faço do passarinho também. Eu puxo uma cordinha, depois eu ponho o lenço e depois sai o passarinho.

C: O café é o dia inteiro?

C: Sim.

C: Fica saindo o tempo todo quando eu tô dormindo no meu quarto.

P: Ai você põe de volta?

C: Sim.

P: Mas você tem que pedir se você quer o boné dele.

C: Por favor, fala.

P: Isso. Tem que pedir por favor.

C: Eu falo. Empréstimo o boné, por favor?

P: Aí da certo quando a gente conversa direito.

C: Assim eu dou descarga.

P: Dá descarga?

C: Sim.

P: Quando você vai no banheiro, você dá?

C: Sim, em você.

P: Em mim? Por que você quer que eu vá embora na descarga?

C: Porque sim.

C: Eu corro igual o Sonic agora.

P: Você comeu? Vocês não quiseram comer?

C: Não.

C: Sim, a gente come cocô.

P: Come cocô?

C: Sim. Ele falou que come bunda.

P: Eu não gosto de cocô, não.

C: Xixi.

P: Come xixi também?

C: Não, xixi não é de comer, é de beber.

C: Tia, o Léo tá falando que vai me beijar.

P: Depois ele fica falando que são as meninas. Ai, ai.

(Falas sobrepostas)

C: Meu olho tá vermelho e não sei porquê?

P: É mesmo. Às vezes, a gente bate sem querer no olho e ele fica vermelho.

C: Eu posso falar uma coisa?

P: Pode.

C: Ela tem que ir pro médico.

P: Por quê? Por causa do olho?

C: É.

P: Não. Ela deve ter batido no olho.

C: Eu já fui.

P: Se continuar vermelho, você pode pedir para a tia um gelo e você coloca com um paninho, tá bom? Ajuda a melhorar.

C: Vamos por aqui, ó.

P: Ela põe onde está machucadinho.

C: Ô, tia, como ela vai enxergar?

C: O que ela está fazendo?

P: Está arrumando a roupa. Um jeito diferente de por a roupa. Fica bonito.

C: Ô, tia...

P: É um dente nascendo aí, né?

C: Amoleceu em casa.

P: Caiu faz tempo?

C: Para de mostrar isso. Para, é nojento.

P: O seu dente não cai? Caiu já e nasceu outro, não foi?

C: Já nasceu, ó.

C: Eu acho que você ficou careca.

P: Será? E esse cabelo que eu tenho aqui? Quem fez nascer de novo meu cabelo?

C: Ninguém.

C: Ô, tia...

C: Ô, tia...

P: Deixa eu ver. Foi esse dente que caiu? Tem um buraco aí, né? Nasceu outro?

C: Tia, você tá careca.

P: Eu também? De novo.
Esse caiu ou vai cair? Tá mole?

C: Tá um pouco mole.

P: Aí, vai ficar uma janela aí.

Gravação: ÁUDIO CLEO 1 – 30/10/2019 – às 13:34

Duração total dos áudios: 0h12min22s

Legenda	
(-)	Comentários da (o) transcritora (r)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde se inicia a fala não compreendida
[]	Trecho não compreendido com clareza
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
(...)	Frase sem continuidade ou interrompida
P	Pesquisadora
C	Crianças

P: Pode tomar o lanchinho normal. Não mexe no celular.

C: Não fala. Ninguém pode mexer.

C: É. Olha e come o lanche de novo.

(Falas incompreensíveis)

C: Eu vou colocar um piercing aqui.

C: Eu vou colocar aparelho.

(Crianças falam ao mesmo tempo com muito barulho ao fundo)

C: Já era. Eu vou comer o brinco.

(Crianças falam ao mesmo tempo com muito barulho ao fundo)

C: Quê?

C: O meu brinco que eu perdi.

(Crianças falam ao mesmo tempo com muito barulho ao fundo)

C: A minha mãe também tem. Menina também tem pelo. É grande.

(Crianças falam ao mesmo tempo com muito barulho ao fundo)

C: A tia vai brigar com todo mundo por causa que ela deixou aqui ouvindo tudo o que a gente tá falando.

C: Todo mundo tá falando.

C: Ele está falando que vocês não têm pelo?

C: Ai eu deixo você ficar com a minha bolinha e com meu brinco.

C: Não, ele está fazendo sozinho, olha só. Você vai ver.

C: Ele abre?

C: Não.

C: Eu quero ver.

C: Não é para mexer, gente.

C: A gente não tá mexendo.

C: Gente, o que era aquela bolinha que apareceu agora? Agora sumiu.

C: O que é isso?

C: Alguém ligou?

C: Eu não.

C: Tia, ele comeu um pedaço do meu brinco.

C: Eu vi, eu vi. É mentira.

C: Não é mentira. Caiu. Ele era assim, ó.

C: Quem mexeu no celular da tia?

C: Eu não.

C: Tá demorando. Tem um, dois, três, quatro... dez.

(Crianças falam ao mesmo tempo com muito barulho ao fundo)

C: Viu? Viu o que aconteceu?

(Crianças falam ao mesmo tempo com muito barulho ao fundo)

P: Meus amores, não mexe no celular da tia. Deixa ele ai quietinho. Não pode nem por a mão.

C: Desculpa.

P: Tá desculpado.

C: Você se chama quem?

C: Para, para, gente.

C: A Vitória é minha amiga.

C: Eu tinha um plano.

(Falam muito baixo)

C: O que você respondeu? Como que você é?

(Não compreendido)

C: Não era para contar, Maria Clara. Não era para contar.

C: Você vai me levar amanhã, não vai?

(Crianças falam ao mesmo tempo com barulho ao fundo)

C: Você derrubou o celular da tia.

C: Foi sem querer. Eu não vi.

P: Não pode mexer. Está gravando.

C: Tá.

C: Vou fazer uma pegadinha com nós. Pegadinha [Não compreendido - 11m18]

(Crianças respondem algo incompreensível)

C: Não tem, não. É um sapo que pulou na gaveta do senhor João. (risada)

C: Sapo que vem em mim, porque eu quero virar um [Não compreendido - 11m32].

(Crianças falam ao mesmo tempo com muito barulho ao fundo)

C: Tia, o João derrubou o [Não compreendido - 12m13] em cima do seu celular.

P: É mesmo? Ê, João.

C: Foi sem querer.

Gravação: ÁUDIO CLEO 2 – 30/10/2019 – às 14:02

Duração total dos áudios: 0h09min50s

Legenda	
(-)	Comentários da (o) transcritora (r)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde se inicia a fala não compreendida
[]	Trecho não compreendido com clareza
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
(...)	Frase sem continuidade ou interrompida
P	Pesquisadora
C	Crianças

C: Engraçado.

P: Fazer uma pegadinha? Tá bom. Vou fazer uma pegadinha bem engraçada.

C: Eu quero também.

P: Vou perguntar uma bem divertida.

C: Então, você vai se comportar?

C: Agora chega de pegadinha, porque a gente vai brincar.

C: A gente vai brincar de pegadinha, não é Vitória?

C: Ahm.

C: Os meninos também.

(Crianças falam ao mesmo tempo)

C: Fala... Tá fazendo muito barulho.

Pessoal, se vai fazer pegadinha, vai fazer com a Maria Clara também. Maria Chata, Maria Chata...

C: Faz a pegadinha, tia.

P: Meninos, é sentado. Tomando e comendo o lanche sentado. Quando acabarem de comer, nós vamos para a sala. Não quero ninguém em pé.

C: Sofia, você sabia que o Otávio falou que ele tem [Não compreendido - 2m08].

(Crianças falam ao mesmo tempo com barulho ao fundo)

C: Eu botei meu nome, Vitória.

P: Daniel, não falei para comer o biscoito sentado? Até engasgar com o biscoito na boca.

C: Vai engasgar, vai engasgar...

C: Morri. A Maria também.

C: Você tá comendo sopa? O que você tá comendo? Bolacha?

C: Vaca amarela...

C: Vaca amarela...

C: Vaca verde pulou a janela...

C: Eu vi um arco-íris na minha casa.

C: Volta pro seu lugar.

C: Volta, volta, volta. Volta, banguela. Ô, banguela.

P: Deixa o Léo acabar de comer, por favor.

C: Ô, tia, todo mundo já tá levantado.

P: É, tô de olho neles. Acaba de comer, Léo.

C: Então, eu vou comer sua cara. Os seus olhos.

(Crianças gritando ao fundo)

C: Melancia!

Gravação: ÁUDIO CLEO 3 – 30/10/2019 – às 15:54

Duração total dos áudios: 0h14min08s

Legenda	
(-)	Comentários da (o) transcritora (r)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde se inicia a fala não compreendida
[]	Trecho não compreendido com clareza
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
(...)	Frase sem continuidade ou interrompida
P	Pesquisadora
C	Crianças

P: Eu vou deixar aqui, tá bom? Não mexam no celular da tia. Podem ficar conversando normalmente, só não mexe.

C: É, porque quem mexer vai perder.

P: É, estraga o celular da tia. Não pode por a mão, por favor.

C: Tia, eu fiquei quietinho.

C: Vamos conversar sobre “bailarino”?

C: O assassino.

C: Não. (risada)

C: Você éééééé...

C: Você não vê [Não compreendido - 39s]. Quer ver? Quer ver?

C: Quem peidou, então?

C: Não fui eu, não.

C: Foi ele.

C: [Não compreendido - 59s], quinta-feira, quarta-feira. Muito bem.

C: Tchau, nenezinho.

C: Tchau, mando um beijo.

C: Vocês vão mexer.

C: Eu não vou mexer, não.

C: Não quero nada, não quero nada.

C: Tchau, tchau, bebezinho.

C: Ô, turma do maternal... Eu era da turma do maternal quando eu era bebê.

C: Você é da turma do maternal.

C: Da turma dos grandes.

C: Não, da turma do maternal.

C: Nããã. Da turma da pipoca doce. Eu falei que eu era da turma da pipoca doce, porque [Não compreendido - 2m33].

(Não compreendido)

C: Vou peidar na sua cara.

(Falas sobrepostas)

C: Vai comer sua comida. Vai comer sua comida.

C: Ow. Não pode relar a tia falou.

C: Tia, o João Pedro falou que eu ia mexer. Eu não ia mexer no celular.

C: Eu falei que ia relar, porque ele tá mexendo.

P: Acaba de comer sua comidinha.

C: Eu vou contar pra tia que você tá comendo e falando.

C: Gente, não mexe.

C: Você mexeu?

C: Não. Olha lá uma caixa surpresa.

C: Não é uma caixa surpresa, é uma caixa de papá.

C: Não é nada. É uma caixa de surpresa. É uma caixa de sapato.

C: Iiii.

C: Não, é um presente. A gente tá rico. Tamo rico.

C: Deixa a gente...

C: Ele tá rico.

C: A gente tá rico.

C: Deixa eu ajeitar ai.

C: Ô, vem cá.

(Gritos, barulho e falas sobrepostas)

C: Eu sou mais forte.

C: Vê se você tem [Não compreendido - 12m31], Vitória.

C: Já?

C: Já.

(Fala não compreendida)

C: Senta aí pra você ver. Olha aqui.

C: É zero onze.

C: Não. É dois a dois. É treze pra quinze.

C: Não, é dez pra quinze.

C: Não, três pra quinze. Não, oito pra quinze. Quarenta pra quinze.

C: Olha aqui.

C: Não, quarenta e quatro. Não, quarenta e cinco debaixo.

Gravação: ÁUDIO CLEO 4 – 01/11/2019 – às 13:29

Duração total dos áudios: 0h12min02s

Legenda	
(-)	Comentários da (o) transcritora (r)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde se inicia a fala não compreendida
[]	Trecho não compreendido com clareza
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
(...)	Frase sem continuidade ou interrompida
P	Pesquisadora

C	Crianças
---	----------

P: Não mexam. Não coloca a mãozinha aqui.

Tudo bem, meu amor. A gente conversa depois. Vai lá tomar uma aguinha.

C: A senhora gosta dela.

P: Eu vou conversar com você, tá?

Você tomou leite? Vai lá tomar um leitinho.

C: Hey...

P: Não levanta daí.

C: Baby shark, tututu. Baby shark, tutu...

C: Vitória, eu tenho febre alta e febre baixa.

(Criança continua cantando perto do gravador)

C: Para, gente. A tia falou que vai deixar todo mundo de castigo.

C: Eu vou conhecer o mundo das fadas.

C: Vamos brincar de beijar?

C: Não.

(Criança continua cantando)

(Vozes sobrepostas)

C: Esse e esse é do homem-aranha.

C: Dá pra ver sabe o quê?

C: O quê?

C: Dá pra ver o [Não compreendido - 2m34] que vai morrer na água.

C: Olha um gavião lá. Eu vi o gavião. Um gavião preto lá na rua.

C: Deixa eu falar uma coisa?

C: [Não compreendido - 3m] quando que a gente fala.

C: Ô, tia Claudia...

C: Ô, Vitória, a gente viu uma nave do papai noel.

C: Tinha gavião, tinha gavião...

C: Ô, Vitória [Não compreendido - 3m34].
Tira da cabeça e arranca assim.

(Falas sobrepostas, gritos e barulho)

C: Eu vi também. Ele arrancou...

C: Aiii. Não arranca a cabeça.

C: Vitória. Vitóriaaaa.

C: Eu não cuspi no celular dela. Não cuspi no celular, cuspi na mesa.

C: [Não compreendido - 4m34].

C: Eu cuspi na mesa.

(Gritos)

C: Ae, Vitória, vai [Não compreendido - 4m54]. Nojenta.

(Falas sobrepostas)

C: Para, João.

(Gritaria)

C: Hey, tem alguém aí? Fala, eu sou a Ayumi.

C: Ayumi, deixa ela quieta.

C: Olha, o coisinho aqui tá lodo. Aqui. Parece que tá com lodo aqui, ó.

C: Ayumi, você cuspiu no celular. Você vai ficar sem parque. Não vai mais ser ajudante [Não compreendido - 10m37]. A Ayumi cuspiu no celular da tia Cleu. Olha aqui, tá tudo melado.

Gravação: ÁUDIO CLEO 5 – 01/11/2019 – às 15:07

Duração total dos áudios: 0h06min13s

Legenda	
----------------	--

(-)	Comentários da (o) transcritora (r)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde se inicia a fala não compreendida
[]	Trecho não compreendido com clareza
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
(...)	Frase sem continuidade ou interrompida
P	Pesquisadora
C	Crianças

P: Vou deixar aqui. Por favor, não mexam.

C: Ele vai estragar o celular da tia.

C: Eu vou desligar, tem aula.

C: Então, vai você, vai.

C: Nããã.

C: Não, senão vai desligar.

C: Não pode apertar.

C: Não.

C: Sim.

C: Não.

C: Sim.

C: Você chamou o meu amigo de Caio?

C: Ahm.

C: Como você sabe o nome dele?

C: Ele que falou.

C: Ô, Gabi. Eu sei o seu nome. Gabi.

C: Você já me conheceu.

C: Eu também.

C: Eu já te conheço faz tempo.

P: Pessoal, vamos comer bonitinho?

C: Eu conheço todo mundo.

C: Quem é aquela? [Não compreendido - 1m15].

C: Tá grudado. Tá muito apertado, vai. Para.

C: Ô, tia, [Não compreendido - 1m45].

C: Tá vendo, agora estragou. Agora vai ficar aí.

C: Um, dois, três.

(Começam a cantarolar)

C: Um, dois, três, quatro... catorze.

(Começam a cantarolar novamente)

C: Tchau, bebezinho.

C: Tchau, bebezona.

C: Tchau, filhinho, bebê.

C: Tchau, mãe.

C: É festa.

(Barulho e falas sobrepostas)

C: De novo.

Gabi, você é muito feiaaa.

C: Fala isso pra Amanda. Ela te beija.

C: Gabi, você é muito feiaaaaa.

C: Eu gosto de beijar, você vai ver, hein.

C: Sossega.

C: Você é muito chata, sabia?

C: Papai tá certo aqui agora.

C: Amanda foi aqui. Ela [Não compreendido - 4m36] o celular.

C: Você é muito feiooooo.

(Gritam perto do celular)

C: A Amanda é aquela de blusa vermelha.

C: Ah?

C: A Amanda.

(Cantarolam)

C: Fica quieto.

C: Oi, amiga.

C: Nããã.

C: Eu vi você na igreja.

C: Viu?

C: Amandinha.

(Gritam e assopram perto do celular)